Capítulo 3

Mídia como matriz disciplinar

Tiago Quiroga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

QUIROGA, T. Mídia como matriz disciplinar. In: *Pensando a episteme comunicacional* [online]. 2nd ed. Campina Grande: EDUEPB, 2013. Substratum collection. pp. 133-210. ISBN 978-85-7879-280-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Capítulo 3

Mídia como matriz disciplinar

Sobre a especificidade comunicacional: do rebatimento à criação

A partir da contribuição oferecida por Bourdieu, chegaríamos não apenas àquele que seria um dos mais importantes eixos temáticos desta análise, como também àquele que, acreditamos, acaba por resumir boa parte do conflito, da contradição, dos diferentes embates do campo da comunicação. Se, por um lado, parece não restar dúvida quanto a sua legitimidade enquanto campo ou círculo de estudos largamente desenvolvido, por outro, muitas são as dificuldades quanto ao consenso em torno de sua constituição como disciplina na ordem do conhecimento. Na realidade, duas são as questões fulcrais – a primeira quanto à necessidade de objeto, havendo uma espécie de grande desencontro com relação à real necessidade de que a comunicação deva, de fato, conquistar objeto de estudo próprio; a segunda, quanto àquele que poderia ser seu objeto de investigação.

Com relação à primeira questão, é possível afirmar que, se trabalhamos a partir dos pressupostos apresentados por Bourdieu, é imprescindível que o campo conquiste objeto próprio para que seja alçado à condição de disciplina na ordem do conhecimento. Segundo o autor, o campo científico é uma derivação específica de campo social. Constituído de atribuições e capacidades próprias que lhe garantem certa autonomia para refratar ou filtrar, a sua maneira, as influências do mundo social, os campos científicos reúnem diversas práticas teóricas cujo acúmulo pode, ou não, apontar para a constituição de objeto de estudo. Para ele, se tais campos gozam de relativa autonomia é porque são constituídos de capacidades específicas que os autorizam a falar, isto é, lhes oferecem legitimidade e lugar próprio de *tradução* dos diversos fenômenos sociais. Nesse caso, a transformação das diversas práticas científicas em disciplinas seria um modo de fortalecer, preservar e, muito especialmente, reconhecer a especificidade dos *lugares de fala*. Nesse caso, a problematização em torno de uma constituição disciplinar não trata de uma defesa de preceitos, mas da tentativa de reconhecimento de certa originalidade discursiva cujas diferenças tendem a produzir uma maior riqueza acerca das leituras dos *fatos do mundo*. Para além da abordagem prescritiva, a constituição de objeto remete à tentativa de identificar, resguardar e aprofundar determinado acúmulo teórico, cuja justificativa delinea-se única e exclusivamente no reconhecimento da originalidade de atitudes interpretativas diante dos *fatos do mundo*. Essa, a questão que caracteriza, a nosso ver, o debate quanto à

constituição da episteme comunicacional. Ao se reivindicar que tal campo seja alçado a condição de disciplina, na verdade, entre outras coisas, quer-se o reconhecimento de uma fala própria. Perguntar-se, por exemplo, acerca das influências que a televisão exerce junto à experiência política contemporânea não significa remetê-la às categorias clássicas da ciência política. Significa, antes de tudo, a compreensão de que, ao passar pelo crivo televisivo, tal experiência não apenas chegaria transformada junto ao seu público, mas, efetivamente, midiaticizada, distinguindo-se daquela experiência política realizada em seus tradicionais espaços de ritual, como o parlamento, os sindicatos ou os partidos. Nessa perspectiva, podemos questionar do que trataria esse experimento e o que haveria em termos de alteridade no âmbito da vivência política. O que seria efetivamente uma experiência política midiaticizada? Que engendramentos específicos vêm produzi-la? Embora nosso trabalho não se dedique a investigar o assunto, tal exemplo nos possibilita compreender a necessidade que cerca a constituição de um objeto de estudo próprio. Na realidade, tais perguntas nos levam a reconhecer nas leituras midiáticas novos regimes de verdade e, portanto, a reconhecer em suas práticas discursivas temas originais de investigação.

Precisamente nessa direção se apresenta o marco da especificidade discursiva, ou seja, a questão não se limita ao imperativo regulamentar, mas considera a importância de compreender de que maneira as práticas científicas em comunicação hoje têm produzido leituras próprias e

originais do evento social. Ainda assim, pode-se argumentar que a leitura de Bourdieu é apenas uma entre tantas outras possíveis. O que é verdade. No âmbito epistemológico certamente existem outras, cujos postulados talvez estejam até mais próximos da natureza que marca o fenômeno comunicacional. Entretanto, sua escolha se dá efetivamente por três motivos: primeiro, como já dito, porque seu conceito de campo é largamente utilizado em comunicação, o que sugere algum diálogo, muitas apropriações e outras tantas distorções. Segundo, porque sua formulação encontra-se fundamentada no importante princípio da *autonomia*, decisivo nesta era de globalização. Terceiro, porque o sociólogo concebe a produção científica também envolta nas relações de poder, o que nos parece fundamental, visto que as diversas chaves interpretativas estão vinculadas aos processos de institucionalização da área. Sendo assim, quando trabalhamos com os pressupostos apresentados pelo autor, não parece restar dúvida quanto à consolidação da comunicação como campo do conhecimento largamente legitimado. O mesmo vale para sua natureza interdisciplinar. A comunicação é um campo do conhecimento, e sua principal característica parece ser de natureza interdisciplinar. No entanto, se nos perguntamos por uma ciência da comunicação passamos a nos referir não apenas a sua constituição enquanto disciplina na ordem do saber, mas efetivamente a sua conquista de objeto de estudo próprio. Aqui, portanto, a particularidade do campo em questão. Segundo o autor, para que um campo se consolide enquanto tal é preciso que garanta

certa autonomia, a qual, em última instância, diz respeito à conquista de objeto científico próprio, lugar de suas especificidades discursivas. Entretanto, diferente de disciplinas cujo acúmulo teórico lhes assegura matrizes conceituais e objetos próprios de investigação, responsáveis por leituras específicas dos diversos fenômenos humanos, as incursões teóricas do campo comunicacional caracterizam-se, de um modo geral, pela inexistência dessas matrizes teóricas e/ou hegemônicas, assim como de consenso quanto a seu real objeto de estudo, o que acaba por não lhes permitir a necessária unidade, ou especificidade, capaz de alçá-lo à condição de disciplina na área do conhecimento.

De todo modo, para que não permaneçamos reféns da inércia atávica da interdisciplinaridade, podemos fazer dela mesma o ponto de partida para avançar em torno da questão que envolve a especificidade do presente campo de estudos. Supondo que a interdisciplinaridade seja a especificidade comunicacional, de que modo poderíamos identificar seu fundamento? O que nos permitiria afirmar tal condição? Mais do que isso, como construímos especificidade a partir de tal característica? Acreditamos, pois, residir precisamente aí, a nervura epistemológica que permeia o campo da comunicação. Com o intuito de avançar na constituição de uma especificidade comunicacional, apresentamos a opção metodológica que nos leva diretamente ao que seria o fundamento da interdisciplinaridade, a saber, o viés da determinação instrumental. Na predominância de abordagens que concebem os meios de comunicação como instrumentos através dos quais se

podem obter determinados fins, estaria a proposição que não apenas concebe o fenômeno comunicacional sob a égide aplicativa, em que prevalece a perspectiva utilitária, mas que também consolida o próprio campo na ordem de uma interdisciplinaridade em que o mesmo se mantém rebatedor de outras áreas do conhecimento. Na lógica do instrumento, permanecemos esvaziados de qualquer ontologia. Essa, na realidade, deriva de outras áreas; afinal, dela carecemos, uma vez que produzimos leituras circunscritas às descrições de utensílios. No itinerário do rebatimento nos tornamos impossibilitados de uma tradução original dos *atos do mundo*, perspectiva em que a hermenêutica, base dos processos que envolvem a *criação* no âmbito teórico comunicacional, permanece mal compreendida e subaproveitada. Essa, portanto, a questão que advém diretamente dos postulados de Bourdieu. De acordo com o autor, para se constituir relativa autonomia é preciso uma *tradução*, uma *filtragem* original dos *atos do mundo*. Essa reside no avanço do *capital científico* dito “puro” ou *intelectual*, instância em que se consolida a produção teórica e, em especial, a originalidade de determinada prática discursiva. Daí o crivo da *criação* como alternativa ao do *rebatimento*.

No caso da comunicação, todavia, é possível reconhecer, nas diversas *traduções* teóricas que hoje permeiam seu campo de trabalho, elementos reflexivos cuja originalidade legitima um projeto de autonomia. Nossa proposição gira em torno da *determinação instrumental*. A partir de sua investigação estaria uma espécie de paradoxo embrionário: ela seria tanto o fundamento de um campo interdisciplinar

que, portanto, dificultaria qualquer projeto de autonomia quanto a possibilidade segundo a qual se poderia avançar na procura de uma atribuição própria para o campo da comunicação. Através de seu próprio questionamento, pretendemos contribuir para o que seria a constituição de uma especificidade discursiva comunicacional. A perspectiva nos leva diretamente ao à questão da técnica, fundamento do ideal de instrumento, sobre o qual se consolida não apenas o tema da *determinação instrumental*, mas a própria condição de campo interdisciplinar.

Genealogia como procedimento metodológico

Embora fortemente marcada pelo caráter normativo, característica na verdade inerente à produção científica, a investigação de cunho epistemológico é também constituída da abordagem que tem, na genealogia, uma de suas principais formas de investigação. Segundo Franco Ferraz, “criado por Nietzsche no final do século XIX e desdobrado por Michel Foucault no século seguinte, o método genealógico fornece férteis e preciosas pistas para o enriquecimento dos estudos teóricos em comunicação e cultura, abrindo-lhes novos e imprevisíveis caminhos”.¹⁶³ Falamos da necessidade de compreender os termos, conceitos e teorias através dos quais, em nosso caso, o *problema* em torno de uma ciência da *comunicação* vem sendo pensado ao longo do tempo. Em referência à expressão *tensões*

163 FRANCO FERRAZ, 2013: 1.

essenciais, que dá título ao livro de Kuhn,¹⁶⁴ gostaríamos de agregar à investigação epistemológica aquilo que já a constitui desde sempre: a historiografia como recurso de pesquisa. Pretende-se explicitar as tradições teóricas em torno das quais o problema da comunicação vem sendo pensado historicamente, para que possamos produzir não necessariamente uma revolução, mas possivelmente alguma contribuição ao debate. Trata-se, então, de realizar a importante convergência entre o que Kuhn chama de *tradição* e *revolução*.¹⁶⁵ Segundo o autor, a revolução científica está intimamente relacionada à necessidade de domínio da tradição teórica através da qual se desenvolve. Para ele, as *viragens revolucionárias* em ciência dependem de um amplo conhecimento do modo pelo qual as diferentes escolas do pensamento abordaram o fenômeno científico. Para Kuhn, apenas “as investigações firmemente enraizadas na tradição científica contemporânea têm hipótese de quebrar essa tradição e dar origem a uma nova”.¹⁶⁶ Nesse caso não haveria inviabilidade entre as orientações revolucionárias e conservadoras, aquelas que querem conservar o atual estado das conquistas científicas. Apropriar-se da tradição, diz ele, seria a própria condição pela qual se poderia alcançar os grandes saltos epistemológicos, isto é, realizar as quebras de paradigmas que, *relativamente raras*, dependem de “longos períodos de investigação convergente”.¹⁶⁷ É

164 KUHN, 1989, apud BOURDIEU, 2004b: 30.

165 Idem.

166 Idem.

167 Idem.

essa, portanto, não apenas a tensão necessária entre aqueles que acreditam na manutenção ou transformação de determinados preceitos científicos, mas também a imprescindível convergência em torno dos temas e problemas que cercam o trabalho científico. Sendo assim, a genealogia, como recurso de pesquisa, é empreendida com objetivo de compreender o “estado das forças”¹⁶⁸ através do qual emergem os problemas que se tornam temas das teorias comunicacionais. Com efeito, a opção pelas tradições teóricas, através das quais a questão da comunicação vem sendo pensada historicamente, não trata exatamente de determinar uma *origem*, mas, sobretudo, de compreender “a entrada em cena das forças” que vieram a caracterizar as teorias da comunicação, ou seja, “o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude”.¹⁶⁹ A ressalva faz-se importante porque as incursões de natureza histórica, de um modo geral, tendem a voltar-se para o problema da origem. Em nosso caso, pretendemos nos apropriar da tradição científica em comunicação com o intuito de alcançar dois objetivos. O primeiro trata da formulação daquilo que podemos chamar de suas *condições de aparecimento* – configuração histórica responsável pelo aparecimento do *problema comunicação*, isto é, o contexto em que surge efetivamente esse novo fenômeno social. O segundo objetivo trata da pergunta ou da abordagem específica realizada em torno do *problema comunicação*, ou seja, da elaboração inicial de termos e conceitos a que

168 FOUCAULT, 2001: 23.

169 FOUCAULT, 2001: 24.

se faz referência quando de seu surgimento. No primeiro momento, na realidade, se trabalhamos sob a égide de uma especificidade disciplinar, mais do que uma origem exata, a compreensão do contexto nos ajuda a encontrar os elementos através dos quais se tem a emergência de um novo campo de estudos, auxiliando no entendimento das condições sobre as quais se produz uma nova área do saber. No segundo, o grifo não se faz de forma desinteressada: procuramos chamar atenção para a especificidade teórica do problema aí estudado. Nesse caso, o recurso genealógico nos proporciona a compreensão dos termos, teorias e problematizações sobre os quais ele está fundado. Mais do que isso, a imersão diacrônica nos possibilita emergir com uma proposição (hipótese) epistemológica que permita avançar na direção de alguma especificidade teórica. De fato, estamos inseridos no assunto cuja abrangência pode não apenas nos remeter a tempos mais remotos, como também tornar-se passível de investigação de diversas outras disciplinas na ordem do conhecimento. Se considerarmos o papel exercido pela oralidade no período inaugurado por Sócrates, Platão e Aristóteles, na passagem da Grécia Antiga ao período clássico, pode-se dizer que o fenômeno comunicação é tão antigo quanto a própria história do conhecimento ocidental. Entretanto, a questão a que nos referimos, neste primeiro momento, e que parece encontrar-se no seio da constituição de uma nova área do conhecimento, não demonstra ser tão longa. Abordaremos aqui não a comunicação em qualquer nível ou período histórico, mas aquela que se convencionou chamar de *massa*,

cujas expressões apontam, a nosso ver, tanto para o período histórico em que entram em cena as práticas e temas ditos de comunicação social, como para as próprias teorias que vêm a constituir o campo de estudos em questão. Sobre isso voltaremos a seguir. De qualquer forma, neste momento, interessa destacar tanto as condições de aparecimento do problema aqui estudado quanto a adjetivação dos termos teóricos a que se faz referência quando do aparecimento do novo campo do conhecimento. O percurso deste capítulo, portanto, está dividido em duas etapas. Uma primeira, *diacrônica*, cujo objetivo é apresentar uma breve cartografia das condições de aparecimento e das teorias que caracterizam o campo; a segunda, *sincrônica*, em que verticalizamos determinada problematização, derivada da primeira etapa, com a qual procuramos trabalhar nos capítulos seguintes. Entendemos que a ressalva, enfim, faz-se importante uma vez que a abrangência e jovialidade da temática trabalhada poderiam facilmente nos jogar num tipo de análise excessivamente fragmentado. Mais do que isso, como já dito, por ser a reflexão epistemológica enfaticamente uma atividade que carece de marcos teóricos que explicitem os domínios de sua investigação, assim como o próprio campo comunicacional, por natureza interdisciplinar, qualidade que o situa como espaço de múltiplos entrecruzamentos discursivos, os recortes epistêmico e histórico acabam por estabelecer-se como recursos metodológicos iniciais que, a nosso ver, auxiliam não apenas a construção de nossa hipótese, como a própria compreensão do fenômeno investigado.

Condições de aparecimento da *questão* comunicação: sociedade de massa

Para autores como Armand e Michèle Mattelart, os indícios mais evidentes, quanto ao aparecimento do novo fenômeno de comunicação, remetem ao final do século XVIII, início do XIX, etapa que vê nascerem, com o avanço da indústria, consequentemente do capitalismo, responsável pelo crescimento das cidades, as sociedades de massa. Eles assinalam o período em que os meios de comunicação entram definitivamente em cena, radicalizando uma influência que só hoje começa a ser demonstrada, cujo interesse despertaria não apenas diversas produções teóricas, mas novos campos do saber, caso da própria *sociologia*, da qual, aliás, sugerem eles, surgem as primeiras teorias da comunicação. Segundo os autores, as concepções pioneiras acerca de uma teoria da comunicação advêm da economia clássica inglesa, que a pensou a partir da *divisão social do trabalho*.¹⁷⁰ A comunicação – entendam-se aqui as redes físicas comunicacionais, elemento organizador do empreendimento coletivo das fábricas inglesas e de seus *fluxos materiais* – é então pensada como *sistema*, modo de dar *unidade* à dinâmica comercial. O grande nome dessa escola seria John Stuart Mill (1806–1873) que contribuiria decisivamente na reflexão acerca da comunicação como fator de *integração do espaço comercial*.¹⁷¹ No caso da França, por

170 MATTELART, MATTELART, 2001: 13.

171 MATTELART, MATTELART, 2001: 14–15.

exemplo, esse espaço diria respeito ao modo de unificar as cidades e as regiões agrícolas em que a comunicação também seria entendida como as redes de circulação, tais como meios de transporte, redes bancárias, companhias marítimas, telégrafos; modos de funcionamento capazes de dar unidade às diversas demandas em torno da integração das redes, estruturas e dinâmicas dos espaços físicos. Tal característica apresentara-se como resultado de um positivismo científico aplicado a investimentos industriais, cujo grande objetivo teria sido o de consolidar o fluxo de bens materiais e imateriais, “integrando” o próprio território nacional. Segundo Mattelart, um dos nomes mais ilustres dessa corrente de pensamento seria o fisiologista francês Claude Henri de Saint-Simon (1760–1825), representante do período em que as grandes respostas acerca dos fenômenos sociais eram oferecidas pelas ciências naturais, que concebiam as sociedades como organismos vivos, em que a “circulação do dinheiro”, por exemplo, assim como a do “sangue para o coração”, era o sinônimo inexorável da vida da sociedade industrial. Dessa analogia, afirma o autor, se observa o aparecimento do conceito de rede, “organismo-rede”, em que se almeja a mudança de uma sociedade do “governo dos homens à administração das coisas”.¹⁷²

De Fleur e Ball-Rokeach situam a origem da questão na passagem que vai de meados do século XIX ao início do século XX, enfatizando a influência exercida pelos avanços das ciências naturais, caso da transmissão e geração

172 MATTELART, MATTELART, 2001: 16.

de redes elétricas, bem como pela busca, no pensamento social, da *natureza da sociedade*, que teria como resultado, a elaboração do *conceito* de *massa*, centro das preocupações de uma *sociologia funcionalista* recém-nascida.¹⁷³ Seria em torno deste acontecimento, a explosão das grandes massas nos recém-formados centros urbano-industriais, que pensadores da época, como Augusto Comte (1798-1857; “conceito orgânico de sociedade”),¹⁷⁴ preocupados em entender a natureza dessa nova configuração societária, viriam a fundar uma ciência do social. Segundo Aron, embora a paternidade da nova ciência devesse ser endereçada a Montesquieu, geralmente se atribui a fundação do novo saber a Augusto Comte que, encantado com a possibilidade de uma nova ordem de sociedade que marca o início do século XIX, em que os poderes teológico e militar eram substituídos pelos científico e industrial, cunha o termo *sociologia*, postulando os preceitos científicos (positivos) para a análise do social.¹⁷⁵ “A combinação da lei dos três estados com a classificação das ciências tem por objetivo provar que a maneira de pensar que triunfou na matemática, na astronomia, na física, na química e na biologia deve, por fim, impor-se à política, levando à constituição de uma ciência positiva da sociedade, a sociologia”.¹⁷⁶ Tal positivismo, além de importar o modelo

173 DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 166.

174 Idem.

175 ARON, 2003: 83.

176 ARON, 2003: 88. “Segundo a lei dos três estados, o espírito humano teria passado por três fases sucessivas. Na primeira, o espírito humano

das ciências naturais, de certa forma, ao fazer a analogia da sociedade humana a um organismo vivo, também lhe conceberia destino, direção e história únicos.

Auguste Comte, considerando que a sociologia é uma ciência à maneira das ciências precedentes, não hesita em retomar a fórmula já empregada nos *Opúsculos*: assim como não há liberdade de consciência na matemática ou na astronomia, não pode haver também em matéria de sociologia. Como os cientistas impõem seu veredicto aos ignorantes e aos amadores, em matemática e astronomia, devem logicamente fazer o mesmo em sociologia e política. O que pressupõe, evidentemente, que a sociologia possa determinar o que é, o que será e o que deve ser.¹⁷⁷

Representante da escola que entendia a invenção da razão como unidade de medida universal, Comte, em seu curso de filosofia positiva, funda uma ciência cujo objeto seria a defesa, a elucidação e confirmação da *unidade huma-*

explica os fenômenos atribuindo-os a seres, ou forças, comparáveis ao próprio homem. Na segunda, invoca entidades abstratas, como a natureza. Na terceira, o homem se limita a observar os fenômenos e a fixar relações regulares que podem existir entre eles, seja num momento dado, seja no curso do tempo; renuncia a descobrir as causas dos fatos e se contenta em estabelecer as leis que os governam” (87).

177 ARON, 2003: 90.

na.¹⁷⁸ “No *Curso de filosofia positiva* é criada a nova ciência, a sociologia, que, admitindo a prioridade do todo sobre o elemento e da síntese sobre a análise, tem por objeto a história da espécie humana”.¹⁷⁹ Em 1820, através da combinação das duas leis essenciais – *Lei dos três estados* e *Classificação das ciências* –, anunciadas nos *Opúsculos de filosofia social*: apreciação sumária do conjunto do passado moderno,¹⁸⁰ o autor apresenta o método positivo e sua importância central na implementação de uma nova sociedade. Tratava-se, doravante, de pensar a sociologia como ciência emana-dora da evolução social, cuja “função é resolver a crise do mundo moderno, isto é, fornecer o sistema de ideias científicas que presidirá à reorganização social”.¹⁸¹ Comte, portanto, preocupado com a manutenção do “equilíbrio” da nova sociedade, funda a *sociologia* de caráter *funcionalista* (a “primazia do todo sobre os elementos deve ser trans-posta para sociologia. É impossível compreender o estado do fenômeno social particular se não o recolocamos no todo social”),¹⁸² cuja grande influência residiria na incor-poração do modelo vigente nas ciências naturais, sobre-tudo o paradigma que acreditava firmemente na unidade da espécie humana. “A lógica do princípio da prioridade do todo sobre o elemento leva à ideia de que o verdadeiro

178 ARON, 2003: 84.

179 ARON, 2003: 90.

180 COMTE, 1972.

181 ARON, 2003: 92.

182 ARON, 2003: 89.

objeto da sociologia é a história da espécie humana”.¹⁸³ Os esforços, portanto, na elaboração de ciências aplicadas ao social seriam, em boa medida, ressonâncias da inédita “organização científica do trabalho”.¹⁸⁴ Certamente uma das principais transformações produzidas pela Revolução Industrial, o fenômeno que retira o processo produtivo da ordem dos costumes (tradição) e o insere na racionalidade do contrato social, cujo grande imperativo giraria em torno dos investimentos mínimos para se obterem os rendimentos máximos, tematizaria também outras perspectivas de conhecimento. É o caso, por exemplo, da questão da especialização da produção, preocupação sobre a qual autores como Émile Durkheim¹⁸⁵ (1858–1917) e Ferdinand Tönnies¹⁸⁶ (1855–1936) dedicam boa parte de suas obras. De acordo com o primeiro, haveria uma função primordial na força de trabalho que seria responsável pela integração do corpo social. Para ele, tal objetivo poderia ser alcançado caso se mantivessem os níveis de solidariedade produzidos a partir de certa organização das funções de trabalho. Em sua obra há uma preocupação central com os níveis de especialização dos modos de produção. Por essa razão, talvez, sua reflexão seja identificada como sendo de cunho funcionalista. Segundo o autor, haveria na divisão social do trabalho os elementos necessários à obtenção do equilíbrio e da unidade social. Entretanto, também aí esta-

183 Idem.

184 ARON, 2003: 94.

185 DURKHEIM, 1995.

186 TÖNNIES, 1957.

ria seu reverso, isto é, um grau excessivamente avançado de especialização produziria o que chamou de *anomia*.¹⁸⁷ derivação de indivíduos socialmente isolados, sementes do dissídio e do excesso de fragmentação social. Daí, portanto, a centralidade dos conceitos de *solidariedade mecânica* e *solidariedade orgânica*.¹⁸⁸ Na mesma direção parece caminhar a análise de Tönnies, que propôs os termos *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*¹⁸⁹ para tratar da mudança na ordem dos vínculos comunitários de uma sociedade basicamente agrícola para o modelo urbano. No primeiro caso, a referência diz respeito a um tipo ideal de vínculo social *recíproco* no sentido de que “as pessoas se acham intimamente ligadas umas às outras, graças à tradição, parentesco, amizade, ou por causa de algum outro fator socialmente coesivo”.¹⁹⁰ No segundo, tem-se a forma de relacionamento *contratual* e *informal*, que surge junto com a sociedade urbano-industrial, e que “em seu sentido mais amplo [...] é um relacionamento social voluntário, mediante acordo racional, no qual as duas partes prometem cumprir obrigações específicas uma com a outra ou perder determinadas vantagens se o contrato for violado”.¹⁹¹

Para outro autor, Muniz Sodré, a *questão comunicação* surge no final do século XIX, início do XX, em decorrência das grandes revoluções industriais, da formação

187 DURKHEIM, 1995, apud DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 176.

188 DURKHEIM, 1995, apud DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 174.

189 TÖNNIES, 1957, apud DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 171.

190 Idem.

191 DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 172.

das grandes densidades populacionais e da consolidação dos centros urbanos no mesmo período. Segundo ele, é a partir da era conhecida como das grandes *multidões* ou *públicos*, mais reconhecida internacionalmente sob a clivagem *massas*, que o *problema comunicação* aparece, sobretudo, como derivação de importantes *disciplinas* tais como *sociologia*, *psicologia* e *antropologia*.¹⁹² Conjetura em que a cidade surge como *laboratório* de estudos sociais, tornando-se, afirma Simmel, portadora de “estado de espírito”¹⁹³ próprio no qual se poderia encontrar base psicológica – a “personalidade urbana”¹⁹⁴ reconhecida pela “intensificação do estímulo nervoso”¹⁹⁵, detentora da capacidade de deslocamento –, que acaba por caracterizá-la como origem de diversas teorias sociais sobre a comunicação, em especial, os chamados estudos etnográficos. Segundo Sodré, podemos citar alguns pensadores – Gabriel de Tarde (1843-1904), Gustave Le Bon (1841-1931) e o sociólogo italiano Sighele (1868-1913), embora os dois últimos apresentem perspectivas diferentes daquela do primeiro – como exemplos das reflexões que se iriam dedicar, na Europa, às variadas tentativas de discorrer sobre esta nova organização social: a *sociedade de massa*. No ambiente histórico

192 SODRÉ, 2002: 226.

193 SIMMEL, 1903; 1908 ambos republicados em GRAFMEYER, JOSEF, 1971 e 1984, citados em MATTELART, MATTELART, 2001: 30. No Brasil o texto também pode ser encontrado como: *As grandes cidades e a vida do espírito* (Simmel, 2005). Em inglês: *The Metropolis and Mental life* (Simmel, 1950).

194 Idem.

195 Idem.

em questão surgiria, na década inaugural do século XX, a Escola de Chicago, responsável pelas primeiras e influentes produções teóricas sobre o “novo” acontecimento. A corrente de pensamento que teria em Simmel a grande influência desdobrar-se-ia, de maneira vigorosa, a partir de pensadores como John Dewey (1859-1952), Robert Park, George Mead (1863-1931) e Charles Cooley (1864-1929), dedicados a arquitetar uma ciência social cujo viés empírico se pudesse contrapor às grandes formulações sistêmico-contemplativas europeias. Também influenciada pelo *pragmatismo* (que levou ao *pragmaticismo*) de Charles S. Peirce (1839-1914), tal corrente concentra seus fundamentos teórico-metodológicos na observação das práticas sociais. A perspectiva dita “microsociológica”¹⁹⁶ tem como intuito compreender os modos pelos quais a comunicação poderia tornar-se espaço de constituição e organização (estruturação) dos diversos grupos sociais. Na mesma direção, estaria o trabalho de Wright Mills (1916-1962) que, a partir de 1950, na condição de representante da linhagem teórica vinculada ao pragmatismo e de sua extensão no *interacionismo simbólico* (“natureza simbólica da vida social”, Herbert Blumer, 1937),¹⁹⁷ pregaria a retomada da “imaginação sociológica”,¹⁹⁸ sendo considerado um dos precursores dos *American Cultural Studies*, ocasião em que se desenvolvem também importantes premissas dos *Cultural Studies*

196 MATTELART, MATTELART, 200: 29.

197 BLUMER, 1969, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 136.

198 MILLS, 1970, apud. MATTELART, MATTELART, 2001: 55.

ingleses, a famosa Escola de Birmingham.¹⁹⁹ Voltaremos ao tema. Embora não sejam muitos, nos empreendimentos genealógicos em que se veem diferentes tentativas de situar a emergência do *problema comunicação*, observa-se em todos uma característica comum. Situa-se o aparecimento da *questão* no período que presencia e sucede as duas revoluções industriais – da máquina a vapor e do motor elétrico –, responsáveis não apenas por desempenhar papel decisivo na própria mudança estrutural em torno de uma nova configuração societária, mas também pelo aparecimento de um novo fenômeno social. Trata-se, pois, do contexto que pode ser definido pelo advento da *sociedade de massa*, responsável pelas condições de aparecimento da *questão* comunicação, que se torna, dali em diante, um novo tema de estudos suscetível a diversas abordagens teóricas. Precisamente, portanto, a partir do advento da sociedade de massa é que se tem a comunicação, enquanto fenômeno passível de observação e produção discursiva, cuja notabilidade também a faz ganhar a cena acadêmica. Falamos do aspecto que leva o novo acontecimento a ocupar importante presença no meio intelectual, sobretudo nos Estados Unidos, no início do século XX, período em que, à nova prática social, são endereçados novos e diversos interesses. Preocupados com a emergência das grandes massas nas cidades, bem como sensíveis ao aparecimento do “jornalismo, *medium* dominante”²⁰⁰ na época, passa-se a reconhe-

199 MATTELART, MATTELART, 2001: 55.

200 SODRÉ, 2002: 226.

cer a “crescente presença hegemônica da informação na estruturação das representações e ações sociais”.²⁰¹

Comunicação de massa: o crivo industrial como origem epistêmica

O contexto, marcado pelo aparecimento das “novas” ciências do social, faz com que já não se fale aqui de qualquer comunicação em qualquer nível, circunstância ou época. Fala-se, agora, daquela que se convencionou denominar “comunicação de massa”, que surge em meados do século XIX, muito especialmente em decorrência da Revolução Industrial. Como desdobramento direto das novas ciências aplicadas, começa a delinear-se um novo campo de estudos que, segundo Venício Lima,²⁰² aponta para o surgimento da comunicação – não mais aquela oral, já pensada desde a Grécia clássica por Sócrates e Platão, sendo, portanto, objeto de estudos das áreas de filosofia, letras ou antropologia, mas da “comunicação humana *stricto sensu* caracterizada pelo uso de tecnologias específicas e pelo surgimento de instituições que contemporaneamente se convencionou chamar meios de comunicação de massa (*mass media*) ou mídia”.²⁰³ Sendo assim, embora possamos remeter a comunicação a determinado tipo de fenômeno vasto e longínquo, quando nos referimos à

201 Idem.

202 LIMA, 2001.

203 LIMA, 2001: 25.

questão comunicação, não falamos de qualquer dinâmica ou atividade sócio-histórica, senão do fenômeno da *comunicação de massa* cuja materialidade está na base do campo de estudos que se convencionou chamar da comunicação social. Reiterando, já não falamos, portanto, de qualquer comunicação, em qualquer âmbito ou época, mas do surgimento, em meados do século XIX, do fenômeno denominado *comunicação de massa*, cujas particularidades de natureza seriam responsáveis pela criação não apenas de novas práticas sociais, mas de diversas reflexões e interesses que viriam a desdobrar-se na constituição de um novo campo do saber. Trata-se, então, da *comunicação de massa* como *acontecimento* que marca o surgimento de uma nova área do conhecimento. Em linhas gerais, portanto, falamos do episódio que incorpora, à “irrupção das multidões nas cidades”,²⁰⁴ o aparecimento das novas técnicas de *comunicação elétrica* – o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema e, depois, a televisão –, podendo, assim, ser considerado o marco inicial de estudos cujo acúmulo produziria, enfim, uma nova área do conhecimento. Significa dizer que nos parece razoável afirmar que, quando nos referimos ao surgimento do campo de estudos que hoje tem como uma de suas questões a busca de seu objeto de estudo, estamos nos remetendo não a qualquer tipo de comunicação, mas àquela que tem como peculiaridade o fato de encontrar sua especificidade (originalidade?) no fenômeno da *comunicação de massa*. Em termos epistemológicos, então,

204 MATTELART, MATTELART, 2001: 20.

o desafio nos parece residir na observação interessada dos modos pelos quais o presente fenômeno foi traduzido no âmbito teórico, ou seja, no compreender conceitos e termos através do quais se fez a leitura das novas práticas sociais. A ideia seria precisamente identificar, no conjunto de reflexões que constituem a área, determinadas problematizações que, uma vez amadurecidas, poderiam levar ao tema da especificidade do campo. Em outras palavras, podemos assinalar o intervalo de tempo entre o aparecimento do fenômeno e as tentativas de compreendê-lo no âmbito teórico, isto é, se a comunicação de massa, enquanto prática social de larga escala, remete ao início do século XIX, os primeiros e mais sólidos intentos teóricos que procuraram “desvendá-la” aparecem apenas nos primórdios do século seguinte. A questão, entretanto, não diz tanto do espectro de tempo entre o acontecimento e sua leitura, mas da necessidade de reconhecer, nas próprias produções teóricas, suas particularidades epistemológicas. Em boa medida, se trabalhamos com a hipótese de que a criação (institucionalização) de qualquer que seja o campo de conhecimento resulta do interesse na compreensão de novas práticas sociais, também cabe destacar que esses mesmos empenhos se desdobram em prospecções reflexivas que, em seu conjunto, formam o arcabouço teórico que possibilita novas inteligibilidades. No caso da comunicação, portanto, o desafio epistemológico nos parece recair na problematização das teorias que constituem o campo e que são efetivamente as conformações práticas da tentativa de traduzir o fenômeno em questão. Ou seja,

se caminhamos sob os preceitos do encontro da alteridade do discurso comunicacional, torna-se de suma importância que observemos como a mesma irá se materializar nos percursos teóricos. Voltaremos ao tema.

A partir do recurso diacrônico, Miège²⁰⁵ apresenta as primeiras teorias referentes a essa nova prática social. Segundo ele, tal *pensamento* (campo?) *comunicacional*²⁰⁶ teria em três correntes teóricas, assim como em quatro *propostas de cooperação*, seu cenário de fundação. Expressão utilizada pelo autor para descrever o caminho percorrido pelas principais tradições teóricas que, no seu conjunto, são responsáveis pelo aparecimento de um novo campo de estudos, as três perspectivas surgem na década de 1940, mas consolidam-se propriamente nos anos 50 e 60. Em primeiro lugar, não necessariamente em ordem cronológica, mas naquela pelo autor apresentada, está o *modelo cibernético*, elaborado no final de 1940.²⁰⁷ Centrado na pergunta “como os homens se comunicam uns com os outros?”,²⁰⁸ Warren Weaver (1894-1978) e Claude Shannon (1916-2001) não ignoram exatamente os aspectos semânticos e persuasivos da questão; no entanto, afirmam que a mesma só pode ser respondida se verticalizarmos sua interpretação técnica.

205 Cabe ressaltar que, obviamente, tal recorte sofre oscilações dependendo dos autores com os quais trabalhamos.

206 MIÈGE, 2000: 15.

207 MIÈGE, 2000: 24.

208 WEAVER, 1978: 25. Segundo Cohn (1978), “Warren Weaver é coautor, juntamente com Claude Elwood Shannon, do livro que primeiro sistematizou, em 1949, a teoria exposta em seu artigo”.

“Poder-se-ia estar inclinado a pensar que os problemas técnicos envolvem apenas os pormenores de construção de um sistema de comunicações, enquanto que os problemas de semântica e eficácia abrangem a maior parte, senão todo o conteúdo filosófico do problema geral da comunicação. Para demonstrar que não é isso que ocorre precisamos examinar [...] trabalhos importantes e recentes em teoria matemática da comunicação”.²⁰⁹ Segundo Abraham Moles (1920-1992), o presente projeto pode ser considerado um dos fundadores do chamado *esquema canônico da comunicação*,²¹⁰ em que, impulsionado pela necessidade de “reduzir a diversidade das situações reais à unidade de um esquema básico [...] emissor-canal-receptor”, inaugura-se a possibilidade de “analisar os diferentes tipos possíveis de comunicação, para se estabelecer uma classificação dos atos de comunicação”.²¹¹ Falamos, pois, do período entre guerras, nos EUA, predominantemente marcado pela ampla difusão dos modelos interpretativos das ciências exatas como fundamento das teorias da comunicação. Exemplo inicial são as teorias matemáticas e biológicas que pensam comunicação a partir do paradigma em que a “informação adquire estatuto de símbolo calculável”.²¹² Nessa direção, três autores se destacam: Claude Shannon (1916-2001), Warren Weaver (1894-1978) e Norbert Wiener (1894-1964). O três são considerados ícones do projeto que teve

209 WEAVER, 1978: 26.

210 MIÈGE, 2000: 25.

211 MOLES, 1986, apud MIÈGE, 2000: 25.

212 MATTELART, MATTELART, 2001: 57.

como objetivo construir “um sistema geral de comunicação [...] no interior do qual fosse possível quantificar o custo de uma mensagem, de uma comunicação entre dois polos desse sistema, em presença de perturbações aleatórias, denominadas *ruídos*, indesejáveis porque [impediriam] o *isoformismo*, a plena correspondência entre os dois polos”.²¹³ O novo ideal de “medida precisa de informação associada à emissão de símbolos”²¹⁴ teria como apogeu a invenção do próprio computador, crivo fundamental de nossa época. Da mesma forma, deve-se citar Bertalanffy (1901-1972), biólogo, com a *Teoria dos Sistemas*, que desenvolveu as funcionalidades sistêmicas em que a totalidade dos processos vitais na natureza deve sobressair sobre cada parte dos organismos. O autor é protagonista do período, década de 1930, em que se observa o intenso

213 MATTELART, MATTELART, 2001: 58.

214 MATTELART, MATTELART, 2001: 59. Segundo os autores, “a teoria de Shannon [...] foi precedida pelos trabalhos de John von Neuman, que contribuiu para a construção da última grande máquina de calcular eletrônica, antes da chegada do computador, elaborado entre 1944 e 1946, a pedido do exército americano, a fim de medir as trajetórias balísticas, e pelas reflexões de Norbert Wiener, fundador da cibernética, essa ciência do comando e do controle, a cujos cursos Shannon assistiu” (59). Da mesma forma, eles lembram que teoria é resultado de “trabalhos que começaram em 1910, com as pesquisas do matemático russo Andrei A. Markov sobre a teoria das cadeias de símbolos na literatura (as quais) prosseguiram com as hipóteses do americano Ralph V.L. Hartley, que em 1927 propõe a primeira medida precisa de informação associada à emissão de símbolos, o ancestral do bit (binary digit) e da linguagem da oposição binária, e depois com as do matemático britânico Alan Turing, que concebeu a partir de 1936 o esquema de uma máquina capaz de tratar a informação” (59).

diálogo da biologia com teorias matemáticas que passa, aliás, a subsidiar as próprias estratégias militares, visto que novas respostas são elaboradas no bojo do modelo teórico menos preocupado com as *causas* do que com os processos complexos de *interação* no conjunto da sociedade. “O surgimento da noção de informação é indissociável das pesquisas dos biólogos. Quando Shannon formula sua teoria matemática da comunicação, o vocabulário da informação e do código acaba de ser introduzido de maneira notável na biologia”.²¹⁵ Tanto no primeiro caso quanto no segundo, está em jogo um conjunto de teorias que vislumbram processos comunicativos a partir da crença na *neutralidade*²¹⁶ dos seus “jogadores”, em especial, dos polos emissores e receptores na construção da informação. O modelo, então construído na esfera das ciências da natureza, inaugura a era em que a ideia de informação ganha amplo espectro, a ponto de torna-se espécie de ordem de grandeza universal. As pesquisas realizadas inicialmente no âmbito da matemática, apesar de nascerem especialmente sob os incentivos militares, seriam o início da consagração do inédito modelo cibernético comunicacional, cuja importância seria de tal forma ampliada, a ponto de ser incorporada nas próprias ciências políticas. De fato, estas últimas, talvez pela emergência das sociedades complexas, resultado do advento urbano-industrial, já não poderiam ignorar seus usos e atribuições, sobretudo, no que

215 MATTELART, MATTELART, 2001: 62.

216 MATTELART, MATTELART, 2001: 60.

diz respeito aos diferentes julgamentos, decisões e planejamentos estratégicos.

A política é concebida como sistema de entradas e saídas (input/output, ação/retroação) formado por interações com seu meio e que responde adaptando-se melhor ou pior a ele. As respostas do sistema dependem de rapidez e exatidão na coleta e tratamento da informação. Essa caracterização [...] sistêmica se deve ao cientista político americano David Easton, em *A Framework for Political Analysis* (1965), livro significativo para o desenvolvimento da informação como instrumento de pesquisas para o estudo comparado das formas políticas.²¹⁷

Estavam em jogo, pois, novos padrões de racionalidade, agora denominados sistêmicos que, diferente da herança moderna, fundada no princípio da *causalidade*, passavam também a trabalhar sob o crivo da *probabilidade*. A mudança não é pequena. Na origem do modelo que surgia assenta-se o ideal de *entropia*,²¹⁸ o que o torna radicalmente inovador. Trabalha-se com “a natureza estatística da informação”²¹⁹ que, diferente da determinação de

217 MATTELART, MATTELART, 2001: 63.

218 WEAVER. Op. cit.: 29.

219 Idem. Vale lembrar que Weaver e Shannon quando se trata do sistema de comunicação consideram “duas mensagens, uma pesadamente

uma causa primeira, teria como premissa efetiva pensar a “incerteza total menos a incerteza do ruído”.²²⁰ Ao definir *informação* como “medida da liberdade de escolha que se tem na seleção da mensagem”,²²¹ o modelo tem na sua origem (emissor, por exemplo) uma “incerteza desejável” visto que a mesma aumenta o grau de liberdade de escolha. “Assim, maior liberdade de escolha, maior incerteza e maior informação caminham juntas”.²²² O invento, cuja maior herança são os atuais computadores, responsáveis pelo crivo decisivo de nossa atualidade, já não poderia ser ignorado na ordem dos acontecimentos políticos. Como derivação do empreendimento tem-se o que Miège chama de segunda escola fundadora do campo comunicacional, que remete à perspectiva norte-americana *empírico-funcionalista*.²²³ Segundo ele, embora não se apresente enquanto tal, a definição parece razoável em função da grande influência do amálgama informacional centrado no binômio biologia-cibernética, cujo viés sistêmico caracterizou a

carregada de significado, e outra completamente sem sentido” com o mesmo valor, ou seja, são iguais no que se refere à informação. Nesse caso, não importa tanto o significado, pois ambas representam uma mesma unidade (quantidade-padrão) de informação (28).

220 WEAVER, 1978: 31.

221 Idem.

222 Idem.

223 MIÈGE, 2000: 33. Dependendo do autor utilizado esta classificação pode variar. Por exemplo, Armand e Michèle Mattelart não incluem a teoria matemática na Mass Communication Research. Eles a entendem como um modelo particular. Outros, por exemplo, Carlos Alberto Araújo (2007: 119), a apresentam como marco inicial dos estudos norte-americanos.

corrente de estudos pelo interesse menos “em dividir o ato de comunicação em suas partes componentes do que em examiná-lo com um todo em relação ao processo social global”.²²⁴ Tal tradição de estudos teve bastante prestígio não apenas no cenário acadêmico, em que se harmoniza com as ciências políticas, especialmente com a sociologia, mas também na própria sociedade, em que se consolida como voz ativa nos estudos de audiência. No período entre guerras, o modelo centrado em cinco perguntas seria considerado uma das primeiras respostas científicas ao fenômeno da comunicação. Talvez por sistematizar, pela primeira vez, a questão comumente respondida no âmbito do senso comum, Lasswell contribui de modo decisivo ao modelo teórico que consagraria os meios de comunicação de *massa* como instrumentos fundamentais na administração das opiniões, no encaminhamento dos interesses governamentais e acordos de Estado. “Uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas: *Quem, diz o quê? em que canal? para quem? com que efeito?* O estudo científico do processo de comunicação tende a concentrar-se em uma ou outra dessas questões”.²²⁵

224 LASSWELL, 1978: 105. Em seu texto Lasswell utiliza expressões sintomáticas que ilustram bem essa influência: estrutura e função da comunicação, equivalências biológicas, o processo de atenção na sociedade mundial (106-107).

225 LASSWELL, 1978: 106-107.

A partir da análise funcional e de pesquisas empírico-quantitativas, tematizou-se novas formas de domínio social em que os meios de comunicação passavam a substituir “a intimidação e a coerção”.²²⁶ Eles surgem como novos operadores econômicos fundamentais nas governabilidades emergentes, com especial destaque para a propaganda como “um padrão mais refinado de exploração psicológica”.²²⁷ Sob a denominação de uma “mudança na estrutura de controle social”,²²⁸ os meios de comunicação apresentam-se como novas “formas [...] de controle organizado”,²²⁹ característica que desperta atenção de grupos empresariais e representantes de Estado que, “de maneira crescente, [...] passaram a dotar técnicas de manipulação das massas através da propaganda, em lugar de meios mais diretos de controle”.²³⁰ De início, dado o poder dos efeitos (“instantâneos e inevitáveis”),²³¹ entendia-se a opinião pública como espécie de *alvo amorfo* cujo *impacto* das mensagens, *direto e indiferenciado*, faria com que correspondesse quase que de modo autômato aos seus estímulos.²³² Segundo Wolf, “mais do que um modelo sobre o processo de comunicação, dever-se-ia falar de uma teoria da ação elaborada pela psicologia behaviorista. O seu objetivo é o estudo do comportamento humano

226 LAZARSELD, MERTON, 1978: 232.

227 LAZARSELD, MERTON, 1978: 231.

228 Idem.

229 Idem.

230 Idem.

231 WOLF, 1987: 23.

232 MATTELART, MATTELART, 2001: 37.

com os métodos de experimentação e observação das ciências naturais e biológicas”.²³³ A partir da concepção instrumental de Lasswell, não apenas se consagra a visão behaviorista dos efeitos comunicacionais, como inaugura-se a propaganda como mídia, cuja “onipresença leva [...] a uma crença quase mágica em seu enorme poder”.²³⁴ Segundo Miège, Paul Lazarsfeld (1901-1976), Carl Hovland (1912-1961), Robert Merton (1910-2003) e Harold Lasswell (1902-1978) definem os fundamentos e regras do trabalho prático da segunda grande escola criadora do campo comunicacional. Podemos também incluir Elihu Katz com a “revisão da imagem que se tinha da sociedade na pesquisa em comunicação”,²³⁵ embrião dos estudos de recepção, em que o autor já enfatizava a importância das *relações interpessoais* para pensar os efeitos comunicacionais; e Maxwell McCombs, com a Teoria da *Agenda-Setting*.²³⁶ Miège destaca a passagem do primeiro

233 WOLF, 1987: 22. Segundo o autor, “o paradigma psicológico do comportamentismo pode fazer-se remontar à obra de Watson *Psychology as the Behaviorist views it*: seu objetivo era o estudo dos conteúdos psicológicos através das suas manifestações observáveis. Assim, a psicologia colocava-se entre as ciências biológicas, no âmbito das ciências naturais. O comportamento – objeto de toda a psicologia – representava a adaptação do organismo ao ambiente; os comportamentos complexos manifestados pelo homem, e observáveis de uma forma científica, poderiam ser decompostos em sequências de unidades precisas: o estímulo (que dizia respeito ao impacto do ambiente sobre o indivíduo), a resposta (ou seja, a reação do ambiente), o reforço (os efeitos da ação capazes de modificar as reações seguintes ao ambiente)”.

234 LAZARSELD, MERTON, 1978: 231.

235 KATZ, 1978: 155.

236 MCCOMBS, 2009.

momento, predominantemente marcado pela ênfase nas funções desempenhadas pelos meios de comunicação na sociedade (Lasswell concebe como função a “vigilância sobre o meio ambiente; a correlação das partes da sociedade em relação ao meio; alarme; transmissão da herança social de uma geração para outra”;²³⁷ Lazarsfeld e Merton acrescentam a “atribuição de *status*; execução de normas sociais; a disfunção narcotizante”²³⁸), ao segundo, em que passa a vigorar a perspectiva dos *efeitos limitados*. Nessa virada, Lazarsfeld é considerado um dos primeiros e mais importantes estudiosos do problema da audiência, em especial da questão que envolve os efeitos do rádio e da imprensa. “Que papel pode-se atribuir aos meios de comunicação pelo fato de existirem? Quais são as implicações de Hollywood, de Radio City, de uma empresa como a Time-Life-Fortune, para nossa sociedade?”²³⁹ Segundo ele, sobre os efeitos midiáticos, é preciso relativizar sua onipotência. “Nossa opinião provisória consiste em afirmar que, em geral, tem sido superestimado o papel social desempenhado pela mera existência dos meios de comunicação”.²⁴⁰ Para o autor, os efeitos desses meios só podem ser entendidos se compreendermos o *sistema de propriedade e operação*²⁴¹ a que estão sujeitos. “Destarte, considerar os efeitos sociais dos meios de comunicação

237 LASSWELL, 1978: 106.

238 LAZARSELD, MERTON, 1978: 236-241.

239 LAZARSELD, MERTON, 1978: 233.

240 Idem.

241 LAZARSELD, MERTON, 1978: 242.

norte-americanos equivale a tratar, apenas, dos efeitos desses meios enquanto empresas de propriedade dirigidas pela motivação do lucro. É do conhecimento geral que esta circunstância não constitui um fator inato ao caráter tecnológico dos meios de comunicação de massa”.²⁴² Em 1944, ele consolidaria o modelo de pesquisa sobre a construção de opiniões em campanhas político-eleitorais (*The People's Choice*). Carl Hovland concentra suas análises num nível microsocial. Seu interesse estava voltado para as apreciações individuais, interessava-se pelos efeitos da persuasão nos grupos menores. Lasswell, talvez o grande nome dessa tradição, formulou o que Miège chama de um *programa de trabalho*,²⁴³ que serviria tanto para pesquisadores da área acadêmica como para os profissionais do mercado e gestores de órgãos públicos.

Aqueles que estudam o “quem” – o comunicador – se interessam pelos fatores que iniciam e guiam o ato comunicativo. Essa subdivisão da pesquisa é chamada *análise de controle*. Os especialistas que focalizam o “diz o quê” ocupam-se da *análise de conteúdo*. Aqueles que se interessam principalmente pelo rádio, imprensa, cinema e outros canais de comunicação, fazem *análise de meios (media)*. Quando o principal problema diz respeito às pessoas atingidas pelos

242 Idem.

243 MIÈGE, 2000: 35.

meios de comunicação, falamos de *análise da audiência*. Se for o caso do impacto sobre as audiências, o problema será de *análise de efeitos*.²⁴⁴

Seu método apresentaria não apenas um dos principais modelos de compreensão dos fenômenos da propaganda e do funcionamento dos meios de comunicação de massa, mas também uma delimitação de suas aptidões e possíveis particularidades no estudo e manejo de tal acontecimento. Falamos, pois, da forte presença do estudo dos *efeitos* nas teorias da comunicação, surgidas no final do século XIX, começo do século XX, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, que teria ainda, com *Propaganda Techniques in the World War*, de Lasswell, 1927, importante marco teórico de uma longa e atual tradição de hegemonia nos estudos de comunicação. Embora Miège não cite, cabe destacar ainda no cenário norte-americano a Escola de Chicago que teve em Robert Park (1864-1944) seu grande expoente (“a função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real”).²⁴⁵ Entre outras coisas, Park tornar-se-ia um dos mais ilustres representantes da corrente de trabalho cuja forte inspiração, Georg Simmel (1858-1918), fez do espaço urbano sua grande matriz de trabalho. Adepto da chamada microssociologia, Park não só ajudaria a fundar a tradição de estudos empíricos que tomaria as cidades como objeto de estudo, a sociologia urbana, mas também faria

244 LASSWELL, 1978: 105.

245 PARK, 2008: 51.

parte do pequeno círculo que adota a etnografia como principal aporte na tentativa de compreender aquele que seria um dos mais novos atrativos da Revolução Industrial: a comunicação de massa, em especial, o *jornalismo como forma de conhecimento*. Por fim, então, a terceira e última corrente fundadora do campo da comunicação, chamada por Miège de “método estrutural[,] e suas respectivas aplicações linguísticas”.²⁴⁶ Figuram como os principais nomes da corrente estruturalista o antropólogo Lévi-Strauss (1908-2009), o filósofo Michel Foucault (1926-1984) e o linguista Roland Barthes (1915-1980). Foucault, por ter notadamente oferecido ao *discurso* (“suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”),²⁴⁷ condição de epicentro no percurso em torno de uma *história do pensamento*.²⁴⁸ Lévi-Strauss, diz Miège, porque coloca a

246 MIÈGE, 2000: 43.

247 FOUCAULT, 2012: 8.

248 FOUCAULT, 2010: 4. Na aula do dia 5 de janeiro de 1983, Foucault descreve como empreendeu o percurso em torno de uma história do pensamento. O caminho, segundo ele, divide-se em quatro grandes momentos (“focos de experiência”): primeiro, o que chamou de formação dos saberes: das práticas discursivas como formas de verificação (verdade-referência); depois, as matrizes normativas de comportamentos: os procedimentos de governo, os exercícios de poder; em seguida, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis (ou constituição de modos de ser do sujeito); e, finalmente, o quarto e último, em que se dedicava ao que chama de problematização da coragem da verdade

comunicação em destaque uma vez que a mesma atuaria necessariamente em três níveis antropológicos fundamentais: “comunicação das mulheres, comunicação dos bens e serviços, comunicação das mensagens. Por conseguinte, entre o estudo do sistema do parentesco, do sistema econômico e do sistema linguístico”.²⁴⁹ No caso de Barthes a mais importante contribuição remete ao aperfeiçoamento da “análise estrutural das narrativas”.²⁵⁰ Os três níveis de circunscrição que ele faz da obra narrativa – *funções, ações e discurso*²⁵¹ –, uma vez articulados, permitiriam a leitura dos produtos comunicacionais (relatos jornalísticos, discursos da imprensa, letras publicitárias). Precisamente nesse sentido, os estudos comunicacionais seriam tributários dos esforços empreendidos pelo autor, que aceita o intento proposto por Saussure (1857-1913), de construir uma “ciência geral de todas as linguagens (faladas ou não), de todos os signos sociais”.²⁵² Barthes acompanha o linguista no desígnio prático de fundar uma ciência que dissesse “em que consistem

ou parrésia (‘dizer a verdade, falar com franqueza’) em que pretendia retomar o fundamento ético esquecido da democracia ateniense (o ‘discurso verdadeiro na ordem da política’) que segundo ele teria sido substituído pela palavra endereçada “à alma do príncipe”. Aos quatro movimentos, respectivamente, correspondem os livros: *As palavras e as coisas* (1966); *Vigiar e punir* (1975) e *Segurança, território, população* (2004); *História da sexualidade I – A vontade de saber* (1984), *História da sexualidade II – O cuidado de si* (1985) e *História da sexualidade III – O cuidado de si*, 1985; *O governo de si e dos outros* (2010).

249 LÉVI-STRAUSS, 1955, apud MIÈGE, 2000: 43-44.

250 MIÈGE, 2000: 45.

251 Idem.

252 MATTELART, MATTELART, 2001: 86.

os signos”, ou melhor, que pensasse a “língua dos signos no interior da vida social [...]: a semiologia (do grego *semeion*, signo)”.²⁵³ O propósito de Barthes teria sido o de construir um “estatuto simbólico dos fenômenos culturais [...], uma verdadeira ciência da cultura de inspiração semiológica”.²⁵⁴ Segundo Armand e Michèle Mattelart, o cerne do estruturalismo francês, portanto, pode ser definido como uma ampliação das “hipóteses linguísticas a outras disciplinas das ciências humanas (antropologia, história, literatura, psicanálise)”,²⁵⁵ em que são adotados como marcos (métodos) iniciais os cursos desenvolvidos, entre 1906 e 1911, por Ferdinand de Saussure, na Universidade de Genebra.²⁵⁶ A justificativa central aporta-se na crença na palavra como *ato individual*, enquanto a *língua* torna-se uma *instituição social*: um “sistema orgânico de signos que exprimem ideias; [e] representa o aspecto codificado da linguagem”.²⁵⁷ Nesse caso, a linguística teria muito propriamente como finalidade examinar os princípios através dos quais esse sistema estabelecido geraria diversos sentidos.

Essas seriam, então, afirma Miège, as três correntes teóricas fundadoras do campo comunicacional. No entanto, diz ele, na própria década de 1960, as três perspectivas explodem na cena acadêmica norte-americana e europeia não apenas provocando diversos desdobramentos, mas, so-

253 SAUSSURE, 1997, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 86.

254 MATTELART, MATTELART, 2001: 91.

255 MATTELART, MATTELART, 2001: 86.

256 Idem.

257 Idem.

bretudo, recebendo outras contribuições. Estas ele denomina *propostas de cooperação*,²⁵⁸ as quais seriam responsáveis pelo acréscimo de novas orientações ao itinerário reflexivo comunicacional. Segundo o autor, tais propostas podem ser visualizadas em quatro grandes eixos. O primeiro, denominado a *sociologia da cultura de massa*, “ramo da sociologia que se desenvolve no sentido inverso ao da abordagem empírico-funcionalista”,²⁵⁹ e que tem em Edgar Morin²⁶⁰ o grande nome. Em 1962, o pensador francês enfatiza a cultura de massa como derivada do próprio sistema econômico e não, como se dizia na perspectiva empírico-funcionalista, como *efeito* da comunicação de massa. Segundo ele, o que se tem aí “é um sistema articulado e ramificado que parte do econômico e vai ao psicológico (melhor ainda, ao psicoafetivo), no qual as dinâmicas dialéticas são, nos diferentes níveis, produção-consumo, produção-criação, projeção-identificação-transferências”.²⁶¹ Também nesse período, 1960, Georges Friedman (1902-1977), sociólogo, fundaria o Centre d’études des communications de masse (CECMAS) cujo escopo teórico-metodológico buscava consolidar, na França, um núcleo de pesquisa de referência em comunicação. Segundo Mattelart e Mattelart, a ideia seria criar uma perspectiva alternativa à análise funcional americana, ainda que o foco de

258 MIÈGE, 2000: 49.

259 Idem.

260 MORIN, 1962. No Brasil a obra foi publicada com o título *Culturas de massa no século XX: o espírito do tempo* (Morin, 1984).

261 MORIN, 1962, apud MIÈGE, 2000: 49.

seus estudos fosse o vínculo entre *sociedade global e comunicações de massa*.²⁶² Friedman, nesse caso, dedica suas prospecções aos temas do *trabalho* e da *técnica*, interessando-se pelos enigmas da *civilização tecnicista* e seus “fenômenos de massa: produção e consumo de massa; audiência de massa; surgimento do tempo do não trabalho, generalização do lazer”.²⁶³ Também na França, lembram Mattelart e Mattelart, se destaca o trabalho do próprio Bourdieu (1930-2002) relativo à *violência oculta*²⁶⁴ dos meios de comunicação de massa. Centrado na ideia de *habitus* (“sistema estável de disposições a perceber e a agir que contribui para reproduzir a ordem social estabelecida e suas desigualdades”),²⁶⁵ o filósofo pensou os meios de comunicação de massa imersos aos preceitos das “relações de força e sentido entre grupos e classes”,²⁶⁶ que definem propriamente o “triunfo do código e da convenção”²⁶⁷ no corpo social. A segunda grande *proposta de cooperação*, segundo Miège, é o *Pensamento Crítico* que tem na Escola de Frankfurt, sobretudo com Adorno (1903-1969), Horkheimer (1895-1973), Erich Fromm (1900-1980), Marcuse (1898-1979) e Habermas as maiores contribuições. Sob a importante influência de Karl Marx (1818-1883), Nietzsche (1844-1900) e Freud (1856-1939), tal abordagem

262 MATTELART, MATTELART, 2001: 91.

263 Idem.

264 MATTELART, MATTELART, 2001: 96.

265 Idem.

266 Idem.

267 Idem.

oferece relevante contribuição aos estudos de comunicação ao formular o conceito de *indústria cultural*: “pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço”.²⁶⁸ A preocupação central residiria na pergunta acerca da condição da arte nas sociedades capitalistas avançadas. Segundo tal perspectiva, a cultura de massa a transformaria em mercadoria, tirando-a da experiência do espírito (fazendo-a perder seu viés emancipatório), colocando-a na ordem da mercadoria, ou melhor, da “informação administrada”.²⁶⁹ Trata-se da emergência do longo período de “atrofia da imaginação e da espontaneidade (que passa a ser dirigida profissionalmente)”,²⁷⁰ agora recalcados pelas novas máquinas de atenção que concentram seus esforços em mirabolantes destrezas cognitivas, em boa medida, centradas na intensificação temporal (velocidade) em que fazem seus enredos se desenrolarem sob múltiplos acontecimentos. “A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente”.²⁷¹ Os autores constroem sua crítica a partir de bases econô-

268 ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 99.

269 MIÊGE, 2000: 51.

270 ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 104.

271 ADORNO, HORKHEIMER., 1985: 105.

micas (ainda que rompam com um marxismo extremo), em que se observa, em detrimento do funcionalismo norte-americano, a retomada da *ideologia* como força motriz de seus questionamentos. O grupo se pergunta pelas consequências do desenvolvimento desses novos meios de produção e transmissão cultural para os quais ao “olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulos; [neste caso] ninguém tem direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exhibe e propaga”.²⁷² Para eles, os meios de comunicação, diferente da *sociologia funcionalista*, que os considerava instrumentos de fortalecimento da democracia moderna, apresentavam-se como aparatos de *violência simbólica*.²⁷³ Através da indústria cultural, o capitalismo transpunha sua dimensão econômica elevando-se à condição de ética contemporânea do lazer (diversão). “Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é pelo mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria”.²⁷⁴ Para a Escola de Frankfurt, pelos meios de comunicação de massa, a cultura deixaria progressivamente de ter papel filosófico-existencial, com função crítica fundamental, para diluir-se na forma de *la-*

272 ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 114.

273 MATTELART, MATTELART, 2001: 73.

274 ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 112.

zer *calculável*, passando a fixar não apenas um padrão estético, mas, sobretudo, a definir a arte como instância do *aceitável* e do harmônico, estabelecendo, assim, a *margem* e os limites da liberdade.²⁷⁵ Essas questões foram retomadas por Herbert Marcuse quando da construção de seu *Homem Unidimensional*,²⁷⁶ em que também faz radical objeção ao crescimento de uma *razão instrumental* que diluiria a potência do pensamento crítico a partir da restrição, cada vez maior, do “discurso e [d]o pensamento a uma dimensão única, que promove o acordo entre a coisa e sua função, entre a realidade e a aparência, a essência e a existência”.²⁷⁷ Da mesma forma, Habermas,²⁷⁸ que de certo modo herda (e desdobra) o legado crítico de Marcuse sobre o tema da *instrumentalidade da técnica*, quando discute as consequências da transformação social vinculada às esferas científicas, da intersubjetividade e do diálogo (teoria da ação comunicativa). Segundo ele, “na medida em que a técnica e a ciência pervadem as esferas institucionais da sociedade e transformam assim as próprias instituições, desmoronam-se as antigas legitimações. A secularização e o ‘desencantamento’ das cosmovisões orientadoras da ação, da tradição cultural no seu conjunto, é o reverso de uma ‘racionalidade’ crescente da ação”.²⁷⁹ Para Habermas, a racionalidade técnica, lugar privilegiado das operações

275 ADORNO, HORKHEIMER, 1985: 106.

276 MARCUSE, 1964.

277 MARCUSE, 1964, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 81.

278 HABERMAS, 2001.

279 HABERMAS, 2001: 45.

científicas, deveria ser visualizada muito especialmente nos avanços industriais, cujos meios de comunicação constituíam-se importantes sujeitos. Segundo o autor, aí operava efetivamente uma “refeudalização da sociedade”²⁸⁰ visto os meios de comunicação, em detrimento de uma comunicação pública, comprometida com os princípios de uma publicização de *interesse geral* (esclarecer a opinião pública), passavam a trabalhar na direção da confecção de produtos cujo grande objetivo limitava-se a veicular informação como mercadoria.²⁸¹ Habermas, portanto, movia-se em direção às teses de Adorno e Horkheimer, para os quais em tal contexto “predominava a explícita manipulação – padronização, massificação e atomização – da opinião pública”.²⁸² Siegfried Kracauer (1889–1966) – para quem “é uma simples consequência da expansão do poder desenfreado do sistema econômico capitalista, que as forças obscuras da natureza se rebelam de modo sempre ameaçador e impeçam o acesso do homem à razão”²⁸³ – e Walter Benjamin (1892–1940) – interessado na “dialética das tendências evolutivas da arte nas atuais condições produtivas”²⁸⁴ – também integrariam, a princípio, a Escola de Frankfurt. Ainda que tenham caminhado em outra direção (sobretudo Benjamin), que não a do modelo de

280 HABERMAS, 1978, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 82.

281 MATTELART, MATTELART, 2001: 82.

282 MATTELART, MATTELART, 2001: 83.

283 KRACAUER, 2009: 99.

284 BENJAMIN, 1985: 166.

“sacralização da arte”,²⁸⁵ proposto por Adorno e Horkheimer, seus estudos também tiveram como centro de gravidade o mal-estar das sociedades capitalistas avançadas. Benjamin se dedica à questão da *reprodutibilidade técnica*, para ele talvez o grande acontecimento do século XX. Segundo o alemão, o fenômeno colocava a comunicação de massa no centro dos debates do período. Entre eles, Benjamin dedica-se de forma peculiar ao cinema e à fotografia, temas centrais em sua obra. Para o autor, a substituição da “existência da obra única por uma existência serial”²⁸⁶ representava não apenas um “violento abalo da tradição”, mas, “o reverso da crise atual e a renovação da humanidade”.²⁸⁷ Segundo ele, os processos promovidos pela chegada das novas técnicas de reprodução além de transformar a própria *natureza da arte*,²⁸⁸ as instauram como os próprios procedimentos artísticos. “A reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas, como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos”.²⁸⁹ Embora tenha sua *aura atrofiada*²⁹⁰ (para Benjamin é o *aqui e agora* que confere *autenticidade*²⁹¹ à obra, que se perde com os novos procedimen-

285 MATTELART, MATTELART, 2001: 79.

286 BENJAMIN, 1985: 168.

287 BENJAMIN, 1985: 169.

288 BENJAMIN, 1985: 176.

289 BENJAMIN, 1985: 167.

290 BENJAMIN, 1985: 168.

291 BENJAMIN, 1985: 167.

tos) com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte também se “emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual”.²⁹² Diferente daqueles outros autores, Benjamin vê nesse deslocamento ontológico uma nova posituação da experiência. Uma vez que a obra de arte se desgarra da tradição, acaba também por assumir necessariamente uma dimensão política que o autor considera fundamental: “no momento em que o critério da autenticidade deixa de se aplicar à produção artística, toda função social da arte se transforma”.²⁹³ Agora, “em vez de fundar-se no ritual ela passa a fundar-se em outra práxis: a política”.²⁹⁴ Mesmo que inaugure tipos de interpretação submetidos à lógica (“testes mecanizados”)²⁹⁵ dos meios de reprodução técnica, Benjamin acredita haver nesse ideal de representação para o aparelho, uma espécie de *metamorfose*²⁹⁶ em que representar a si mesmo constitui também o espaço em que se dá a “vingança das massas”. Em *cinema e teste*²⁹⁷ ele problematiza esse tipo de dramaturgia repetível ao extremo, realizada na direção de um “grêmio de técnicos [...] típico do desempenho esportivo”,²⁹⁸ bem como guiada pelo rigor do estúdio cinematográfico. Nesse caso, o êxito do ator significaria a possibilidade de manter sua própria dig-

292 BENJAMIN, 1985: 171.

293 Idem.

294 BENJAMIN, 1985: 172.

295 BENJAMIN, 1985: 178.

296 BENJAMIN, 1985: 179.

297 BENJAMIN, 1985: 177.

298 BENJAMIN, 1985: 178.

nidade.²⁹⁹ No momento da exibição dos filmes o que a plateia (que precisa “alienar-se de sua humanidade, nos balcões e nas fábricas, durante o dia de trabalho”)³⁰⁰ teria diante de seus olhos seria a própria “vingança que o intérprete executa em nome dela, na medida em que o ator não somente afirma diante do aparelho *sua* humanidade [...], como coloca esse aparelho a serviço de seu próprio triunfo”.³⁰¹ Em suma, mesmo constatando que “a exploração capitalista do cinema impede a concretização da aspiração legítima do homem moderno de ver-se reproduzido”,³⁰² Benjamin sugere que o pressuposto da reproduzibilidade técnica permitiria não apenas a possibilidade de incluir outras camadas da população até então excluídas dos modos de produção cultural – segundo ele um dos resultados do advento da *indústria cultural* é a instauração da comunicação de massa na ordem do cotidiano (tanto a produção como a recepção), o que implicou rever a experiência da cultura como mero sinônimo de tradição erudita restrita à burguesia –, mas também a possibilidade de narrar a nós mesmos, a qual abriria contornos sem precedentes nas sociedades capitalistas em meados do século XX.

A terceira *proposta de cooperação*, afirma Miège, mesmo que perpassasse diversas matrizes da pesquisa em comunicação,

299 BENJAMIN, 1985: 179.

300 Idem.

301 Idem.

302 BENJAMIN, 1985: 184.

ocupa *posição secundária*.³⁰³ A mesma é representada pela *psicossociologia*, e seu objetivo é “estender as leis de funcionamento (e de disfuncionamento) das unidades sociais restritas a conjuntos sociais mais amplos, além de se apresentar como uma autêntica teoria geral da comunicação”.³⁰⁴ Segundo Mattelart e Mattelart, tal proposta assenta-se em três proposições: “a essência da comunicação reside em processos relacionais e interacionais [...]; todo comportamento humano possui um valor comunicativo [...]; observando a sucessão de mensagens situadas no contexto horizontal (sequência de mensagens sucessivas) e no contexto vertical (relação entre os elementos e o sistema), é possível deduzir uma *lógica da comunicação*”.³⁰⁵ A perspectiva será fortemente inspirada nas prospecções do antropólogo Gregory Bateson (1904–1980), as quais se vinculam às contribuições de Paul Watzlawick (1921–2007), Janet H. Beavin e Don Jackson, consolidando, então, a *pragmática* como base desse círculo de estudos.³⁰⁶ Mattelart e Mattelart entendem que se está tratando aí da *escola de Palo Alto*, “grupo de pesquisadores americanos provenientes de horizontes tão diversos quanto a antropologia, a linguística, a matemática, a sociologia ou a psiquiatria [que] tomam um rumo inteiramente contrário ao da teoria matemática da comunicação de Shannon”.³⁰⁷ Em linhas gerais o conjunto de

303 MIÈGE, 2000: 51.

304 MIÈGE, 2000: 52.

305 WATZLAWICK, 1967, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 68.

306 MIÈGE, 2000: 52.

307 MATTELART, MATTELART, 2001: 68.

teóricos defende que a teoria matemática da comunicação encontra-se por demais circunscrita à leitura das engenharias (ciências exatas), permanecendo impossibilitada de responder satisfatoriamente ao fenômeno da comunicação social. O grupo defende, portanto, que tal resposta seja forjada no âmbito das próprias ciências humanas, que deveria elaborar proposições que estivessem mais próximas de seus critérios específicos. Para Mattelart e Mattelart, “afastando-se do modelo linear da comunicação, [eles] trabalham a partir do modelo circular retroativo proposto por Norbert Wiener. [...] Nessa visão [...] o receptor tem um papel tão importante quanto o emissor. Tomando de empréstimo modelos [...] da abordagem sistêmica, [...] da linguística e da lógica, [...] tentam explicar uma situação global de interação e não apenas [...] variáveis tomadas isoladamente”.³⁰⁸ Voltaremos ao tema. Por fim, a quarta e última *proposta de cooperação* remete a Marshall McLuhan (1911-1980). Segundo Miège,³⁰⁹ no início da década de 1960, McLuhan consolida o Canadá como um importante polo de estudos de comunicação. Desdobrando teses daquele que seria um de seus principais interlocutores, Harold Innis (1894-1952) – “tecnologias da comunicação e transportes: infraestrutura necessária à emergência da sociedade de massas” –,³¹⁰

308 Idem.

309 Segundo Miège, com os livros *La galaxie Gutenberg* (MCLUHAN, 1977) e *Os meios de comunicação como extensões do homem* (MCLUHAN, 2007), McLuhan põe o Canadá definitivamente no mapa internacional da pesquisa em comunicação.

310 INNIS, 2011.

McLuhan desenvolve sua reflexão em três grandes linhas mestras: a tese, talvez principal, de que os *discursos*³¹¹ não seriam exatamente importantes e sim os próprios meios de comunicar – daí o meio ser a mensagem; o segundo aspecto, que trata da ampliação dessa ideia para pensar a “história cultural das sociedades”,³¹² e, por fim, segundo Miège, o que seria o “otimismo norte-americano, colorido de humanismo, que o leva a passar despercebidamente na evolução dos meios de comunicação, nos conflitos de interesse e intervenção das forças sociais”.³¹³

Da técnica moderna como marco identitário

A partir dessas quatro *propostas de cooperação*, agregadas às três correntes fundadoras, teríamos então, segundo Miège, o cenário em que emerge o pensamento (campo?) comunicacional. Entretanto, afirma o autor, as profundas mudanças culturais ocorridas sobretudo no início da década de 1970, como as grandes transformações estruturais na ordem econômica, fizeram com que o cenário inicial das teorias sofresse importantes alterações. Modificações ocorridas no cenário histórico ecoaram diretamente na formulação de novas perspectivas comunicacionais, provocando outros engendramentos reflexivos, os quais, naturalmente, resultaram numa enorme variedade de temas e

311 MIÈGE, 2000: 53.

312 Idem.

313 Idem.

abordagens teóricas. Nesse sentido, sugere ele, é importante ver de perto não apenas os resultados de tais mudanças, mas, sobretudo, como atuaram diretamente na produção de novos quadros e escolas, que hoje, efetivamente, apontam para outro cenário reflexivo em comunicação. Em nossa atualidade, diz Miège, diferentes das três grandes correntes ou propostas de cooperação, o pensamento comunicacional poderia ser dividido em seis grandes categorias ou tradições teóricas, a primeira denominada *crítica da economia política da comunicação*.³¹⁴ Segundo ele, se até o começo da década de 1960, as reflexões econômicas estavam desvinculadas das pesquisas em torno da “natureza da informação”,³¹⁵ a partir do avanço de tal tradição teórica começa-se a pensar em que medida “a mudança tecnológica depende não só das decisões tomadas em relação aos equipamentos, mas também das decisões que dizem respeito às inovações organizacionais”.³¹⁶ Segundo Miège, é Fritz McHlup³¹⁷ que inaugura os estudos acerca do desenvolvimento da “indústria do conhecimento”³¹⁸ nos EUA, os quais representam propriamente a corrente de análise que procura unir as problematizações de *custo* e *mercado* àquelas que dizem respeito às questões de “organização e informação”.³¹⁹ Isso significa, portanto, a compreensão da

314 MIÈGE, 2000: 56.

315 MIÈGE, 2000: 57.

316 Idem.

317 McHLUP, 1962.

318 MIÈGE, 2000: 57.

319 Idem.

forte influência concentrada, agora, nas modernas indústrias da informação e da cultura. Configuram-se como importantes pensadores Herbert Schiller, Dallas Smythe (americanos), Nicholas Garnham, Graham Murdock, Enrique Bustamante, Ramon Zallo (europeus). A segunda categoria, já mencionada, em que girariam os estudos de comunicação hoje seria a *pragmática*.³²⁰ Como forma de debate ao modelo “linear da comunicação”,³²¹ a escola “invisível” de Palo Alto, San Francisco, Califórnia, sustenta rigorosa crítica ao modelo que pensa o indivíduo e o “ato verbal como consciente, voluntário”³²² e isolado. Gregory Bateson (1904–1980) e Erving Goffman (1922–1983), entre outros teóricos, inspirariam trabalhos em torno da adoção de um “modelo circular e retroativo”,³²³ situado nos processos relacionais. Para eles, o valor comunicativo estaria nos processos de interação constante, que integrariam diversos tipos de comportamento, o que levaria à análise para além do *conteúdo*. Nesse caso, predominaria o elogio da “fala, do gesto, do olhar, do espaço interindividual”.³²⁴ Tal abordagem se pergunta pela existência de uma “gramática dos comportamentos que, mais ou menos conscientemente, os homens utilizariam nas relações interpessoais”.³²⁵ Para essa corrente de estudos, “as interações sociais e, particularmente,

320 MIÈGE, 2000: 65.

321 MATTELART, MATTELART, 2001: 67.

322 MATTELART, MATTELART, 2001: 68.

323 MATTELART, MATTELART, 2001: 67.

324 MATTELART, MATTELART, 2001: 68.

325 MIÈGE, 2000: 65.

as relações intersubjetivas, estão na origem do sentido. São elas que esclarecem e estruturam o funcionamento da vida em sociedade”.³²⁶ Vislumbrando um tipo de comunicação radicalmente fundado na *práxis* “sujeito a sujeito”,³²⁷ de onde advém a constituição de sentido, tal corrente tem como grande referência autores como Paul Watzlawick e Yves Winkin, considerados fundadores da ideia de que “não é possível não se comunicar”.³²⁸ A terceira categoria responsável por oferecer importantes contribuições aos estudos de comunicação em nossa atualidade é a chamada *etnografia da comunicação*, a *etnometodologia* ou *sociologia das interações*.³²⁹ Em muitas ocasiões, diz Miège, não se distingue tal tradição teórica da *pragmática*. Em parte porque ambas trabalham com o universo “microsocial”.³³⁰ No entanto, ressalva o autor, devem ser diferenciadas, pois suas perspectivas não se identificam necessariamente, tanto no nível teórico quanto no metodológico. Duas questões merecem ser assinaladas quanto a essa corrente. Ela pretende, num primeiro momento, afastar-se das circunscrições linguísticas hegemônicas explicitando seu peculiar interesse nos *atos de fala*, entendidos como “unidade básica da comunicação verbal”,³³¹ isto é, via de acesso fundamental ao comportamento humano. Daí advém o rigor da

326 MIÈGE, 2000: 67.

327 MIÈGE, 2000: 66.

328 MIÈGE, 2000: 65.

329 MIÈGE, 2000: 71.

330 Idem.

331 MIÈGE, 2000: 72.

“observação etnográfica das situações de comunicação”,³³² da investigação dos fenômenos de interação social. E, num segundo momento, demonstrar que essa observação pode apontar para características de grande abrangência, envolvendo a sociedade como um todo, isto é, os fenômenos observados no nível de interação individual podem apontar para as grandes tendências sociais. Muitos são os autores importantes nessa abordagem: “Georg Simmel, *teoria da sociabilidade*; G. H. Mead, *teoria da ação comunicativa*; Erving Goffman, *teoria da dimensão cênica da vida social*; Harold Garfinkel (1917–2011) e Alfred Shutz (1899–1959) da etnometodologia”.³³³ A quarta categoria apontada por Miège diz respeito às *sociologias da tecnologia e da mediação*.³³⁴ A corrente caracteriza-se fundamentalmente pela abordagem em que procura pensar de modo não dissociado os problemas que envolvem os desdobramentos tecnológicos e suas respectivas repercussões na ordem das mediações sociais e culturais. Dito de outra maneira, falamos da compreensão de que as transformações tecnológicas operam necessariamente mudanças nas estruturas de mediação, resultando na imbricação entre as mediações sociais e suas respectivas “modalidades de difusão das técnicas de comunicação na sociedade”.³³⁵ Nesse caso, portanto, procura-se enfatizar “as relações homens/tecnologias/sociedades”,³³⁶

332 Idem.

333 MIÈGE, 2000: 73.

334 MIÈGE, 2000: 76.

335 MIÈGE, 2000: 77.

336 MIÈGE, 2000: 80.

sobretudo nos imbricamentos tecnológicos e societários, resultando em novas formas de mediações culturais.

Neste caso a mídia já não é concebida como simples objeto tecnológico, assumindo um certo número de funções sociais ou culturais, mas como espaço onde ocorre de forma crescente, pelo simbólico e pelo discurso, a mediação do poder social. Aqui, não poderia haver separação entre sociologia da tecnologia e sociologia das mediações sociais e culturais. Este caminho da pesquisa está longe de ter produzido tudo que se tem direito de esperar; mas a perspectiva se revela muito promissora.³³⁷

Na quinta categoria, a *Recepção das mensagens e a utilização dos meios*³³⁸ que, segundo o autor, agregada ao paradigma “fundador da manipulação e do papel determinante da oferta”, constitui um dos aspectos mais importantes do campo da comunicação. Talvez uma das correntes mais bem acolhidas na cena acadêmica de comunicação, em boa medida o alcance dessa categoria advém do conceito de *recepção negociada* apresentada por Stuart Hall, que “supõe que os receptores decodificam as mensagens modificando os significados preferenciais de acordo com seus interesses

337 MIÈGE, 2000: 82.

338 Idem.

e práticas culturais”.³³⁹ Para Miège, a abordagem que coloca o receptor, “dimensão oculta e negligenciada”,³⁴⁰ na raiz dos estudos comunicacionais, no centro dos debates de nossa contemporaneidade, tem origem em cinco matrizes: as reflexões fenomenológicas de Hans Robert Jauss (1921–1997); a Escola de Constância (“sobre a interpretação na leitura dos textos literários”); a *pragmática austiniana*; a “análise genealógica das formas culturais ocidentais de Michel de Certeau”; os “estudos transculturais [...] dos “*media studies*” britânicos, principalmente na linha de Stuart Hall”; as “mais recentes produções da corrente empírico-funcionalista (cf. as recentes pesquisas de Elihu Katz e Thomas Liebes sobre a recepção do seriado *Dallas*)”.³⁴¹ Segundo o autor, trata-se aí do surgimento não apenas da *negociação* como categoria fundamental dos estudos de recepção, mas de um novo paradigma que implica efetivamente o deslocamento do problema do sentido da *emissão* para a *recepção*, promovendo o surgimento de enorme variedade de temas e abordagens comunicacionais. Como exemplo da materialidade do acontecimento tem-se, na Itália, o A-Gemelli, grupo de pesquisadores que, opondo-se “à supremacia da sociologia da mídia americana (teorias estruturais-funcionalistas),”³⁴² vão também dedicar-se aos temas da comunicação de massa. Segundo Mattelart e Mattelart, aí

339 MIÈGE, 2000: 85.

340 MIÈGE, 2000: 82.

341 MIÈGE, 2000: 83. Sobre a pesquisa de Elihu Katz, ver KATZ, LIEBES, 1990.

342 MATTELART, MATTELART, 2001: 131.

se encontram nomes como Umberto Eco (*A obra aberta* – livro em que destaca o “papel cocriador do leitor e do receptor”),³⁴³ Paolo Fabri, Gianfranco Bettetini e Francesco Casetti.³⁴⁴ Na década de 1960, mais precisamente em 1964, surge o Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS), cuja preocupação concentra-se nas “formas, nas práticas e nas instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social”.³⁴⁵ A linha de estudos que tem originalmente nos trabalhos de Richard Hoggart, Raymond Williams (“nos significados da palavra cultura a compreensão da natureza das mudanças históricas”)³⁴⁶ e Edward Thompson (1924–1993) sua fundação também agrega, a partir de 1968, as contribuições de Stuart Hall, quarto grande representante da emergência do modelo que rompe com a “tradição literária que situa a cultura fora da sociedade, pondo em seu lugar uma definição antropológica: a cultura é o processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas”.³⁴⁷ Com forte influência do *interacionismo simbólico*, os estudos do CCCS incorporam a perspectiva etnográfica com intuito de compreender “os valores e significações vividas, as maneiras pelas quais as culturas dos diferentes grupos se comportam diante da cultura dominante”³⁴⁸ – aborda-

343 ECO, 1965, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 147.

344 MATTELART, MATTELART, 2001: 92.

345 MATTELART, MATTELART, 2001: 105.

346 WILLIAMS, 2011: 15.

347 MATTELART, MATTELART, 2001: 105.

348 MATTELART, MATTELART, 2001: 107.

gem que tenta, enfim, pensar os grupos sociais a partir da própria condição em que vivem os sujeitos analisados. Para Mattelart e Mattelart, os estudos de recepção “des-virtuam-se” intencionalmente de um marxismo ortodoxo (*redutor*) em favor de uma perspectiva dita *complexa*, que permite incluir a própria experiência da cultura sob um ponto de vista não apenas menos pejorativo, mas, sobretudo, decisivo à compreensão das práticas sociais resultantes da Revolução Industrial. Para eles é preciso problematizar “o primado da base sobre a superestrutura, que reduz a cultura submetendo-a à determinação social econômica”.³⁴⁹ A crítica coloca Gramsci talvez como uma das principais influências da Escola de Birmingham. Sua proposição em torno do conceito de *hegemonia*³⁵⁰ é amplamente utilizada: “capacidade de um grupo social de assumir a direção intelectual e moral sobre a sociedade, sua capacidade de construir em torno de seu projeto um novo sistema de alianças sociais, um novo bloco histórico”.³⁵¹ Ou seja, para os estudiosos da cultura é preciso “considerar negociações, compromissos e mediações”,³⁵² visto que, agora, o que está em jogo é outra relação entre estrutura e superestrutura, em que não necessariamente há injunção da primeira sobre a segunda. Destaca-se doravante não apenas o desempenho da sociedade civil e da ideologia na tessitura das novas

349 MATTELART, MATTELART, 2001: 106.

350 MATTELART, MATTELART, 2001: 108. O conceito é desenvolvido em várias obras do autor. Sugere-se aqui a leitura de Gramsci, 2002.

351 MATTELART, MATTELART, 2001: 108.

352 Idem.

práticas sociais, mas também “recusa em alinhar, de modo mecânico, questões culturais e ideológicas às de classe e da base econômica, trazendo para primeiro plano, a distinção das ideias de sociedade civil e Estado”.³⁵³

De modo contundente, a Escola de Birmingham influenciaria os estudos de comunicação de massa na América Latina. Também interessados em formular concepções que se diferenciasssem das teorias estruturais-funcionalistas, pensadores como Jesús Martín-Barbero, Maria Immacolata V. Lopes, Nestór García Canclini e Renato Ortiz endossam o chamado *revisionismo crítico* acerca das “teorias da modernização, aplicadas às análises da difusão dos meios de comunicação de massa”.³⁵⁴ É o surgimento de outra concepção do ambiente global que leva à renovação do estudo das conexões internacionais em termos de cultura e comunicação. Tal emolduramento, assim como os de Birmingham e Frankfurt, opera inicialmente a partir da inclusão, nas análises dos meios de comunicação de massa, de aspectos de ordem ideológica e cultural. Adepta de um marxismo mais heterodoxo, a “escola” latino-americana toma, num primeiro momento, como afirma Martín-Barbero,³⁵⁵ a ideologia como centro das questões intelectuais. Marcada em seu surgimento (anos 70 e 80) por uma época de forte politização na América

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ MATTELART, MATTELART, 2001: 119.

³⁵⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

Latina, de fato, nessa ocasião a escola iria pensar os meios de comunicação como instrumentos/discursos do poder. Entretanto, diferente da Escola de Frankfurt, que se limitou, talvez, à formulação de um discurso crítico (quem sabe moralista em excesso),³⁵⁶ construído excessivamente a partir da perspectiva da emissão (transmissão) das relações de poder, a América Latina produz importante deslocamento que coloca a cultura e a ordem popular no centro das atenções. Acredita que, em vez de se restringir às análises superestruturais, deve levar em consideração os usos e reinvenções, operados pela cultura, diante das diversas ofertas produzidas pelos meios de comunicação de massa. Nesse caso, por exemplo, afirma Martín-Barbero, “o popular se colocaria como grande desafio à razão dualista euro-americana”.³⁵⁷ Assim também parecem pensar Canclini,³⁵⁸ em *Culturas híbridas e Globalização imaginada*, Renato Ortiz³⁵⁹ ao propor, em *A moderna tradição brasileira*, a diferenciação dos termos *globalização* e *mundialização*, e Maria Immacolata Vassallo de Lopes³⁶⁰ em *Vivendo com a telenovela*, que é um protocolo metodológico de pesquisa em recepção, com base na teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero. Sendo assim, pode-se dizer, enfim, que

³⁵⁶ SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001: 07.

³⁵⁷ MARTÍN-BARBERO, 2004: 109.

³⁵⁸ CANCLINI, 1998; 2003.

³⁵⁹ ORTIZ, 1988.

³⁶⁰ LOPES, no prelo. Sobre o tema, da mesma autora, ver *Telenovela: Internacionalização e interculturalidade* (LOPES, 2004c).

tais concepções, assim como as do grupo de Birmingham, estariam atentas aos deslocamentos do conceito de cultura, dentro da tradição marxista. Seriam, pois, concepções teóricas interessadas em outras metodologias e procedimentos de pesquisa que, de alguma maneira, sob a influência gramsciana, também rejeitariam o primado exclusivo da sociedade sobre o sujeito. Por fim, então, segundo a sexta e última categoria proposta por Miège, em que os estudos de comunicação encontram-se organizados hoje, como objetos de relevantes atribuições. Trata-se das chamadas *filosofias da comunicação*.³⁶¹ Segundo Miège, se, historicamente, a comunicação caracterizou-se por receber leituras ditas *setoriais*, isto é, específicas “de alguns campos de atividade social, e, praticamente, fora de qualquer relação próxima com os sistemas filosóficos e intelectuais existentes”,³⁶² em nossa atualidade o que se observa é que a comunicação tem sido tema de diversos debates agora na cena da própria filosofia. Destaca-se, pois, o aparecimento de novas perguntas e empreendimentos, sobretudo das *correntes alemãs*, responsáveis pela abertura de direções inéditas, muito especialmente no que diz respeito ao *debate heurístico*.³⁶³ Tal perspectiva, afirma Miège, encontra-se situada nessa corrente de análise e tem em autores como Jean Baudrillard, Niklas Luhmann, Habermas, Pierre Lévy, Gianni Vattimo, Jean-François Lyotard, Lucien Sfez, Ciro Marcondes Filho e Muniz Sodré importantes nomes.

361 MIÈGE, 2000: 87.

362 MIÈGE, 2000: 88.

363 Idem.

Essas seriam, portanto, as seis categorias ou correntes de trabalho, apontadas por Miège, que caracterizam hoje o cenário das formulações teóricas mais importantes dos estudos comunicacionais. Embora não seja nosso objetivo aqui apresentar minuciosa descrição de cada contribuição, isto é, de cada escola ou projeto filosófico, ficará claro, a partir das escolhas metodológicas e encaminhamentos teóricos, que nossa análise acaba por se aproximar desta ou daquela tradição reflexiva. Para além da análise descritiva (movimento diacrônico), isto é, como o fenômeno da comunicação de massa vem sendo pensado pelas diversas escolas ao longo da história, seria preciso avançar nas problematizações epistemológicas, as quais poderiam vir a contribuir para a formulação de uma episteme comunicacional. Dito de outra maneira, falamos da necessidade de hipóteses cujos temas possam reunir, de alguma forma, parte dessas produções, diluindo a dispersão que as caracteriza. Aqui, então, o segundo movimento, que chamamos de *sincronia*. Para fugir da superficialidade (necessária na diacronia) em torno da abordagem descritiva, gostaríamos de chamar atenção para um aspecto que não apenas se encontra na base dos estudos de comunicação, mas que, nos parece, acaba também por caracterizar parte da atualidade das pesquisas da área.

No entrecruzamento das experiências de tempo presente e tempo histórico apresentamos nossa problemática epistemológica. A mesma parte da seguinte proposição: na passagem do modelo industrial ao cibernético, final do século XIX e meados do século XX, ergue-se o cenário

de “positivismo administrativo”³⁶⁴ em que o fenômeno da *comunicação de massa* nasce e consolida-se como “parâmetro por excelência da evolução da humanidade”.³⁶⁵ Ao período remete o mesmo corolário que parece caracterizar grande parte dos estudos da área em que a ideia de comunicação aparece como *signo do progresso do gênero humano*. Trata-se da comunicação como campo de estudos que desponta e atualiza-se nos preceitos de uma evolução natural, baseada nos avanços técnico-científicos, paradoxo do qual ela seria um dos grandes ícones. Fruto de novas práticas sociais, dos aparelhos resultantes da Revolução Industrial, bem como das primeiras reflexões sistematizadas sobre a comunicação de massa, o que se observa é o aparecimento da *questão* comunicação impregnada pelo signo do progresso. Como lembram De Fleur e Ball-Rokeach, “a mesma aceleração da ciência, que deu lugar à mídia da comunicação de massa e que deveras incitou esses dois filósofos [Comte e Spencer] a fundarem uma ciência da sociedade, também moldou as forças da nova organização industrial dessa mesma sociedade. O impacto da nova ordem iria ser sentido em todos os recantos do mundo”.³⁶⁶ Mesmo não sendo um acontecimento privilegiado da comunicação – o surgimento de uma ciência social operativa (positivista) caracteriza boa parte da reflexividade do período, pois aponta para a mudança paradigmática da

364 MATTELART, MATTELART, 2001: 186.

365 MATTELART, MATTELART, 2001: 185.

366 DE FLEUR, BALL-ROKEACH, 1993: 170.

passagem de sociedades eminentemente rurais àquelas ditas urbano-industriais –, encontramos aí indícios de matrizes conceituais importantes para pensar uma possível especificidade da área. Tal proposta articula-se em duas frentes. No âmbito histórico-epistemológico, remete ao período o surgimento das correntes fundadoras do pensamento comunicacional, as quais estão radicalmente fundadas nos moldes de uma ciência social funcionalista, exemplo da teoria matemática da comunicação, da sociologia norte-americana e do estruturalismo francês. Cabe lembrar que tanto no caso de Mattelart e Mattelart – que relacionam o início do fenômeno comunicacional ao aparecimento da mentalidade que enxergava nos novos meios uma forma de integrar, otimizar, dar unidade aos espaços físicos (fábricas) e comerciais (territórios nacionais) na França e na Inglaterra – como no caso de Miège – que circunscreve as primeiras teorias às escolas americanas (teoria matemática e sociologia funcionalista) e francesas (estruturalismo) – em ambas as situações o que se tem é uma leitura fundacional marcada pelo binômio matemática-biologia (“sistemismo e funcionalismo”)³⁶⁷ que concebeu a comunicação de massa, em larga escala, sob o “mesmo conceito fundamental, o de função, a indicar o primado do todo sobre as partes”.³⁶⁸ Para além do registro histórico, entretanto, tal característica é a mesma em torno do ideal de *transparência* (informação) que coloca não apenas a

367 MATTELART, MATTELART, 2001: 62.

368 Idem.

comunicação como um dos grandes acontecimentos de nossa atualidade, mas, sobretudo, que instaura a própria ideia de *tecno-logia* como sinônimo de emancipação da condição humana. A característica observada no percurso histórico será intensificada, desdobrada e, sobretudo, explicitada sob a égide da passagem da teoria matemática da comunicação ao contexto da cibernética que radicaliza não apenas o formato discursivo da funcionalidade, mas muito especialmente o próprio positivismo das ciências da natureza. Em suma, falamos da cibernética como novo positivismo de nossa contemporaneidade. Daí advém o ideal de *transparência* cujo epicentro é a ideia de informação como nova ordem de grandeza universal. Diferente daqueles que se orgulham da louvação à diversidade da qual estaríamos desfrutando hoje com a chegada da cibernética, entendemos que a mesma, ao atualizar a teoria matemática da comunicação, renova e expande o ideal de unidade não exatamente da espécie humana, como havia pensado Auguste Comte, mas da ideia de *informação*, que se torna novo e supostamente único princípio de universalidade de nossa atualidade. Acrescido da particularidade da velocidade (intensificação dos fluxos de tempo), o que vemos hoje é a refundação do positivismo do final do século XIX, que procurou igualar homem e natureza sob a égide do *metron*. A diferença do paradigma que vislumbrou a criação das ciências humanas para além de qualquer ontologia que não a própria fisiologização da liberdade é que hoje o mesmo se realiza sob os rituais de expansão do signo da *probabilidade* (“informação é a medida de

liberdade de escolha quando [se] seleciona uma mensagem”).³⁶⁹ Novo fundamento do sistema econômico (sociedade do risco), o positivismo cibernético emergente esvazia a “natureza simbólica da vida social”,³⁷⁰ porque reduz as derivações da circulação de símbolos à ideia de *informação* como natureza estatística da mensagem. Nesse caso, a novidade é que além de se tornar uma legislação própria (ordem de grandeza) dos diversos campos sociais (trata-se de novo *éthos*: da organização), a ideia de *informação* carrega consigo a peculiaridade de que seu sentido específico em nenhuma hipótese pode estar atrelado à ideia de significado.³⁷¹ Mais do que misturar-se a qualquer gênero, informação aqui presume completa ausência de significado, comportando apenas a ideia de estar circunscrita ao sentido de unidade de medida-padrão que se quer, doravante, universal. Não custa lembrar Weaver e Shannon, pais da teoria matemática da comunicação (informação), que afirmam ser “surpreendente, mas verdadeiro, que, de acordo, com este ponto de vista duas mensagens, uma pesadamente carregada de significado, e outra completamente sem sentido possam ser equivalentes no que se refere à informação”.³⁷² Segundo os autores, no diagrama da matemática, aí não importa tanto o significado, pois ambas as mensagens representam uma mesma unidade (quantidade-padrão) de informação: “as duas mensagens

369 WEAVER, 1978: 31.

370 BLUMER, 1969, apud MATTELART, MATTELART, 2001: 136.

371 WEAVER, 1978: 28.

372 Idem.

entre as quais se deve escolher podem ser qualquer coisa que se queira. Uma delas pode ser a versão da Bíblia do Rei Jaime e a outra pode ser simplesmente Sim”.³⁷³ Tal positivismo, naturalmente, não é simples, muito menos explícito, sobretudo porque rompe com extensa herança de pensamento erguido em torno da *causalidade*. De outra maneira, o paradigma da *probabilidade*, ao demandar em sua origem o preceito da *entropia*,³⁷⁴ acaba revestido de ares contemporâneos, ou seja, posto que nossa atualidade pode ser definida como a era das dúvidas, certamente a mesma assim não seria tanto porque temos exatamente ausência de certezas, senão porque o próprio paradigma vigente das certezas é aquele cujo fundamento encontra-se no ideal de *incerteza total* (entropia fundamento da natureza estatística da informação).³⁷⁵ Segundo Weaver, para se medir a *informação útil* (“capacidade de transmissão de um canal de comunicação”)³⁷⁶ é preciso realizar a operação “incerteza total, menos incerteza do ruído”.³⁷⁷ Segundo Weaver, “precisamos ter em mente que na teoria matemática da comunicação, preocupamo-nos não com o significado das mensagens individuais, mas com toda a natureza estatística da fonte de informação. [...] Não é de surpreender que a capacidade de um canal de comunicação deva ser descrita em termos da quantidade de informação que ele pode

373 Idem.

374 WEAVER, 1978: 31

375 WEAVER, 1978: 30.

376 WEAVER, 1978: 31.

377 Idem.

transmitir”.³⁷⁸ De fato, partindo da problemática em torno de uma cognição estéril, o novo projeto estende-se ao funcionamento do social, centrado agora no ideal de *transparência* (*tecno-logia*), e emerge da “derrocada da ideologia racionalista do progresso linear e contínuo”,³⁷⁹ no entanto, não exatamente porque o amplia oferecendo, por exemplo, férteis horizontes de cidadania ou mesmo novo ideal de liberdade, senão porque refina e atualiza o paradigma anterior, substituindo o registro da experiência da verdade pelo da eficácia, propondo, enfim, um emolduramento ainda mais eficiente. Quando “a verdade não é mais a conformidade com a ordem do cosmo ou com Deus, se não existe horizonte capaz de garantir o quadro eterno da ordem imutável, se a ordem do mundo não está mais no seu ser, mas depende do fazer técnico, a eficácia se torna explicitamente o único critério de verdade”.³⁸⁰ Diferente, entretanto, da precisão almejada, podemos perguntar se não estaríamos aí em meio ao modelo organizativo e esquizofrênico que, situado entre as premissas da *entropia* e da *eficácia*, reveste-se do paradoxo dos absolutos (extremos). Numa ponta incerteza irrestrita (“maior liberdade de escolha, maior incerteza e maior a informação caminham juntas”);³⁸¹ na outra, eficácia plena (“fidedignidade máxima

378 WEAVER, 1978: 30.

379 MATTELART, MATTELART, 2001: 185.

380 GALIMBERTI, 2006: 13.

381 WEAVER, 1978: 31.

possível de obter de um canal de comunicação que opera na presença de ruído”).³⁸²

Significa dizer que talvez não arrisquemos muito ao propor, tanto pelo primeiro motivo (histórico-epistemológico), que trata do surgimento de novas práticas, aparelhos e, especialmente, teorias sociais positivistas (virada do século XIX ao século XX) quanto pelo segundo (tempo presente), que renova e mantém, pelo viés da transparência (informação), comunicação como signo do progresso do gênero humano, que o que está na base da *questão* comunicacional é o fenômeno da *técnica*. Em ambas as situações (chegada do futuro vislumbrado nas máquinas industriais de comunicar e o ideal de transparência supostamente viabilizado pelos sistemas de informação — cibernética), o que parecer sustentar e mover um ideal de comunicação é o desejo permanente e ilimitado de transposição de tempo e espaço. Desejo, portanto, que encontra materialidade (natureza) no *acontecimento tecno-logia* (a lógica da técnica) que não apenas parece fundar as teorias e tradições filosóficas em comunicação, mas que, efetivamente, surge como espécie de marco identitário do campo. Trata-se dos estudos que aparecem na modernidade tardia e distinguem-se, então, da comunicação humana *stricto sensu* pelo uso de tecnologias específicas e pelo aparecimento de instituições contemporaneamente denominadas *mass media*.³⁸³ Duas questões precisam ser assinaladas. A primeira aponta para a

382 WEAVER, 1978: 32.

383 LIMA, 2001: 25.

especificidade dos estudos de comunicação como aqueles denominados estudos de *mídia*, isto é, não se trata de qualquer modalidade de comunicação oral, gestual, escrita ou imagética, mas daquela que encontra sua particularidade no conceito de *mídia*. Nos referimos ao processo cuja particularidade encontra na necessidade de agregar ao problema da mediação social os desdobramentos colocados pelos aparatos tecnológicos. Falamos do novo engendramento entre as inovações técnicas e mediações simbólicas, espécie de nova hibridização social, produzido pelas técnicas de comunicação elétrica, isto é, do paradigma inaugurado pela *comunicação de massa* que consistiu fundamentalmente em associar quantificação e emissão de símbolos (informação) para grandes públicos/audiências. Segundo Sodré, o acontecimento pode ser compreendido a partir da produção de novas dinâmicas sociais, pelas chamadas *tecnointerações*,³⁸⁴ em que se verifica novo reordenamento cultural cuja tendência à “virtualização” ou à telerrealização das relações humanas dá início ao amplo e decisivo processo da *midiatização social*. Fenômeno que, como percebe Rubim, situa a centralidade do processo midiático na constituição do campo. Segundo ele, é o ato de compreender a comunicação

mediada necessariamente por um aparato sociotecnológico que requer uma peculiar organização e uma tecnologia determinada, implicando a fixação do

384 Termo utilizado por Muniz Sodré (2002: 15).

lugar do falante e do ouvinte, a formação das “massas” em patamar singularmente comunicacional e a existência de um trabalho coletivizado e especializado, portanto, de uma modalidade bastante distinta da comunicação interpessoal, de sua natural “espontaneidade” e “intercambialidade”. Em verdade, a emergência da comunicação midiaticizada a partir de meados no século inaugura toda uma nova e distinta problemática na área da comunicação.³⁸⁵

No que tange aos estudos de mídia, então, é possível observar o crivo fundamental exercido pela *técnica* não apenas como marca identitária, mas como *fundamento* de uma jovem ciência, isto é, como aquilo que subjaz, que a faz aparecer, realizando sua demarcação histórica, distinguindo-a enquanto campo do saber. Estaria, pois, precisamente em sua constituição o aspecto responsável pela fundação de uma nova área do saber, posto que viria a individualizá-la, tornando-a diferente da comunicação enquanto oralidade comum a todos os homens, objeto de estudo das áreas de letras, filosofia, antropologia e outras disciplinas; tratar-se-ia dos estudos de comunicação de massa ou simplesmente estudos de *mídia*, cujo histórico e avanços institucionais originariam um novo campo científico, a *comunicação social*, distinta de todas as demais. A hipótese procura ancorar-se, enfim, na singularidade exercida

385 RUBIM, 2000: 26.

tanto pelo contexto histórico – a Revolução Industrial e o advento da máquina a vapor e da energia elétrica que possibilitariam a vasta cadeia de comunicar: telégrafo óptico, fotografia, cinema, rádio, televisão, vídeo e, finalmente, hoje, o computador – como pela peculiaridade epistemológica encontrada nas primeiras teorias da comunicação, que nascem impregnadas pela lógica da técnica, cuja legitimidade o positivismo científico atrelou às ciências naturais e em seu projeto de autonomia humana, sobretudo no primado da superação permanente das experiências de espaço e tempo. Uma breve ressalva em torno do conceito de comunicação de massa faz-se necessária. Embora muitos afirmem que a chegada da cibernética já não permite que falemos em fenômenos de *massa*, podemos indagar se, de fato, há uma transformação ontológica no horizonte que se instala com a sociedade em rede, uma vez que saímos do conceito de massa que implicava a “concentração de muitos”, para a “qualidade de milhões de indivíduos”, em que “cada um [...] produz, consome e recebe as mesmas coisas de todos, mas de modo solitário”.³⁸⁶ Talvez o que há de novidade seja a chamada “ilusão da privacidade” em que “é atribuída a cada um a própria massificação, [...] e o aparente reconhecimento da própria individualidade, de modo que ninguém esteja mais em condições de perceber um *externo* em relação a um *interno*, porque o que

386 GALIMBERTI, 2006: 20.

cada um encontra em público é exatamente igual de que dispõe privadamente”.³⁸⁷

Finalmente, torna-se interessante ressaltar que, de todo modo, é a pergunta em torno do acontecimento *tecno-logia* que permite compreender hoje o predomínio epistemológico da *instrumentalidade* nas reflexões em comunicação. Remete ao gênero (da funcionalidade) parte das análises em comunicação, em que prepondera a abordagem aplicativa que a concebe majoritariamente como *meio*, instrumento, modo pelo qual se alcança um determinado objetivo, se avalia um determinado efeito. Nessa perspectiva, o fenômeno da comunicação permanece e/ou reduz-se ao tema do aparelho (*instrumentum*) o qual supostamente permite cumprir, de forma neutra, determinada jornada. Nessa direção a técnica, em si, “não tende a um objetivo, não promove um sentido, não abre cenários de salvação, não redime, não desvenda a verdade: a técnica funciona”.³⁸⁸ Embora a abordagem nos lembre seu cenário de surgimento, ela não se perdeu e ainda hoje, para muitos, continua a ser não apenas o centro das reflexões, mas uma das problemáticas mais virtuosas da área. No entanto, nesse enquadramento o campo da comunicação caracteriza-se como lugar em que se reúnem e se acoplam, mas não se misturam, as diversas incursões teóricas, advindas de diferentes campos sociais. O acoplamento ou a dispersão cujos resultados advêm da abordagem histórica fundamentada

387 Idem.

388 GALIMBERTI, 2006: 8.

na modalidade instrumental da técnica acabam por manter uma visão setorial da comunicação a qual, em boa medida, também diz respeito à ideia de uma ciência interdisciplinar. Pode-se dizer, na realidade, que ao ajuste instrumental costuma-se dar o nome de interdisciplinaridade, significando a hegemonia de um modo de pensar em que, de fato, os *meios* aparecem simplesmente como meios, isto é, modos imparciais de obter determinado fim. Em suma, estamos nos referindo à predominância da *determinação instrumental*³⁸⁹ nas prospecções teórico-metodológicas em comunicação. Aí, mais uma vez, o crivo da técnica. Nesse caso, além de constituir-se o elemento que viria a especificar tanto o aparecimento das primeiras práticas comunicacionais quanto um novo campo de estudos, seria também a *técnica* a origem do explícito predomínio de certa *instrumentalidade* nas pesquisas e reflexões da área de comunicação. Em certo sentido, estamos aqui diante de um paradoxo. Se, por um lado, no campo da comunicação, sem dúvida alguma, a determinação técnica tem poder de atração, posto que reúne e faz conviverem as mais diversas temáticas sociais, por outro, no mesmo campo, observa-se completa ausência de gravidade no sentido de realização de determinada síntese, cuja química nos ofereça chão ao longo do qual se possa caminhar. O cenário não implica pouca dificuldade. Especialmente agora que a técnica sai da condição de *meio* transformando-se em *fim*. Mesmo que a mudança não

389 Expressão de Heidegger presente no texto A questão da técnica (HEIDEGGER, 2001: 12).

ocorra exatamente porque a “técnica proponha algo, mas porque todos os objetivos e fins que os homens se propõem não podem ser atingidos, a não ser pela mediação técnica”,³⁹⁰ seria interessante pensar tais desdobramentos na constituição da episteme comunicacional.

De fato, quando a instrumentação técnica disponível era apenas suficiente para aqueles fins nos quais se expressava a satisfação das necessidades humanas, a técnica era um simples *meio*, cujo significado era inteiramente absorvido pelo *fim*; mas, quando a técnica *aumenta quantitativamente* a ponto de se tornar disponível para realização de qualquer fim, então *muda qualitativamente* o cenário, porque não é mais o fim que condiciona a representação, a pesquisa, a aquisição dos meios técnicos, mas será a ampliada disponibilidade dos meios técnicos que desvela o leque dos fins que, por meio deles, podem ser alcançados.³⁹¹

Por isso, então, a *técnica* como problemática epistemológica da comunicação. No limite, ela aponta para o desafio de pensar um dos grandes axiomas contemporâneos que torna, cada vez mais, comunicação sinônimo de *tecnologia*. Significa dizer que, se por um lado, as abordagens

circunscritas a recortes eminentemente instrumentais podem criar uma série de empecilhos e limitações no pensar o campo, por outro, também apresentam o caminho pelo qual, hoje, encontrar-se-iam respostas satisfatórias na tentativa tanto de compreensão dos efeitos de uma sociedade comunicacional quanto da construção de uma *episteme* que traduza, solidamente, seus desdobramentos e conjunturas sociais. Afinal, o que seria a técnica? A atitude que se coloca é aquela que torna imprescindível a apresentação da envergadura do problema de modo a justificá-lo enquanto tal, isto é, aquela que o *questiona* e se pergunta em que medida não seria ele mesmo o lugar dos desdobramentos mais importantes no que diz respeito à formulação da *episteme* comunicacional. Para isso, recorreremos, mais uma vez, ao método histórico-genealógico. A intenção de retornar à nossa atualidade, de forma propositiva, nos leva a apresentar, historicamente, os aspectos que assinalam a constituição da *técnica* e de sua *determinação instrumental* junto à construção do conhecimento, e em seguida, explorar os aspectos que incidem diretamente na consolidação da ciência da comunicação. Assim sendo, quanto à determinação instrumental da técnica, delimitamos nosso recuo em três momentos decisivos: origem, consolidação e desdobramentos atuais, sobretudo no que tange à constituição de uma “nova” área do saber. Trabalhamos com a definição de *técnica* em Heidegger, escolha que se dá fundamentalmente por três motivos: pela densidade por ele consolidada com relação ao problema; pela profundidade com que discute as origens e desdobramentos epistemológicos da

390 GALIMBERTI, 2006: 12.

391 Idem.

determinação instrumental da técnica; e, por fim, pela sugestão, encontrada em sua obra, de modo geral e mais especificamente no texto A questão da técnica, da problemática histórica que envolve o enigma da técnica e sua relação com a construção do conhecimento.³⁹²

392 Idem.